



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**VINCULAÇÃO, REPUTAÇÃO
E DELINQUÊNCIA, QUAL A RELAÇÃO?: UM
ESTUDO COM ADOLESCENTES**

TÂNIA SOFIA SANCHES

Orientador de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:
PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:
MESTRE EM PSICOCRIMINOLOGIA

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicocriminologia.

Agradecimentos

Para que a realização deste trabalho fosse possível, foi necessária a colaboração e suporte de várias pessoas que, de certo modo, contribuíram para a sua prossecução com o maior sucesso. Desde já, deixo o meu sincero obrigado a todos! Dirijo-me, com especial apreço, àqueles que estiveram envolvidos diretamente neste desafio.

À Professora Doutora Maria Gouveia-Pereira por todas as orientações e ajudas disponibilizadas ao longo deste trabalho, pela sua exigência e transmissão de conhecimentos que me proporcionou, que de certa forma me ajudaram na realização do presente trabalho.

À Cristina Sanches pela paciência e disponibilidade que sempre demonstrou quando precisei do seu apoio.

Às minhas colegas do Seminário e do ISPA pela partilha e troca de experiências e ainda pelo carinho e apoio que sempre me transmitiram.

Aos meus grandes amigos Inês de Brito, Daniela Santos, Andreia Domingos e Vitor Sartóris que através da partilha de experiências e de conhecimentos compartilharam comigo momentos de grande felicidade mas também de grande frustração, angústia e preocupação.

E, por último, mas não menos significativo, um agradecimento à minha família, e, em especial aos meus pais, à Tatá, aos meus padrinhos, à Sonecas e ao Miguel, pela sabedoria e dedicação, pelo amor que sempre me proporcionaram, pela coragem, motivação e apoio incondicional, e, sobretudo pela imensa paciência que sempre tiveram e continuam a ter comigo.

Mais uma vez, um muito obrigado a todos!

Resumo

O presente estudo tem como objetivo analisar se existe relação entre a vinculação, a preocupação com a reputação e a delinquência em adolescentes, de maneira a tentar perceber se: os adolescentes que apresentam mais comportamentos delinquentes vão apresentar uma maior ou menor vinculação aos amigos vs. pais e uma alta ou baixa preocupação com a reputação aos amigos vs. professores.

Este estudo quantitativo, de carácter transversal e exploratório, conta com um tipo de amostragem de conveniência não-probabilística em que serão necessários 375 participantes de idades compreendidas entre os treze e os dezanove anos de idade, e que se encontrem a frequentar entre o 7º e o 12º anos de escolaridade em escolas situadas na área da Grande Lisboa. Pretende-se aplicar um questionário de caracterização sociodemográfico, o inventário da vinculação na adolescência, a escala da preocupação com a reputação e a escala da variedade da delinquência.

Espera-se que os adolescentes com maior comunicação e confiança com pais e amigos normativos e menor comunicação e confiança com os amigos com comportamentos delinquentes irão demonstrar menos comportamentos delinquentes. E adolescentes com uma baixa preocupação com a reputação aos amigos com comportamentos delinquentes e uma alta preocupação com a reputação aos professores irão demonstrar menos comportamentos delinquentes.

Palavras-chave: Vinculação; Reputação; Delinquência; Adolescência.

Abstract

The present study aims to explore the relation between attachment, reputation concerns and adolescent delinquency, in order to understand if: adolescents who present more delinquent behavior will present higher or lower attachment levels regarding their peers vs. their parents and also if these adolescents will present higher or lower reputation concerns regarding their peers vs. their professors.

This quantitative study, with a transversal and exploratory nature, would count on a non-probabilistic convenience sample of 375 participants between 13 and 19 years. The participants would attend between the 7th and the 12th grade in schools located within the Great Lisbon area. We intend to apply a sociodemographic questionnaire, the adolescent attachment inventory, the concern for reputation scale and the delinquency variety scale.

We expect to find that adolescents with higher communication and trust levels towards parents and normative peers and lower communication and trust levels towards peers engaged in delinquent behavior will present less delinquent behavior themselves. Also, adolescents with low reputation concerns regarding peers with delinquent behavior and high reputation concerns regarding professors will show less delinquent behavior.

Key-words: Attachment; Reputation; Delinquency; Adolescence.

Índice

Introdução.....	1
1. Adolescência.....	2
2. Delinquência juvenil.....	5
2.1. Delinquência e/ou desviância.....	8
2.2. A delinquência e a escola.	9
3. Vinculação.....	9
3.1. Teoria da vinculação.	9
3.2. Situação estranha e padrões de vinculação.....	11
3.3. A família e os pares.	12
3.4. A vinculação e a delinquência.	14
4. Reputação.....	17
4.1. A reputação e a delinquência.	18
5. Objetivos e hipóteses.....	21
Método.....	22
1. Participantes.....	22
2. Delineamento.....	22
3. Instrumentos.....	23
3.1. Questionário de caracterização sociodemográfico.....	23
3.2. Inventário da vinculação na adolescência – I.P.P.A.....	23
3.3. Escala da preocupação com a reputação.....	25
3.4. Escala da variedade da delinquência.....	25
4. Procedimento.....	26
Análise Estatística e Resultados Esperados.....	27
Discussão.....	28
Referências.....	31
Anexos.....	42
Anexo A: Pedido de Autorização para os Estabelecimentos de Ensino.....	43
Anexo B: Pedido de Autorização dos Encarregados de Educação.....	44
Anexo C: Questionário a Preencher pelos Participantes.....	45

Introdução

Por vezes, durante o nosso dia-a-dia, ouvimos dizer, ou através de conhecidos ou através dos órgãos de comunicação social, que a violência e o crime têm aumentado e que muitas vezes é cometido por menores e adolescentes. Ao deparar-me com isso, e sendo a delinquência (especialmente a juvenil) um tema que preocupa cada vez mais a sociedade atual, achei que seria interessante realizar um estudo onde se pudesse tentar compreender este fenómeno. Assim, com este estudo pretende-se aferir a existência de algum tipo de relação entre a vinculação dos adolescentes aos pais e amigos, a preocupação com a reputação que os mesmos têm junto dos professores e dos amigos e a delinquência.

Considerando deste modo que, *vinculação* é a noção de sistema comportamental instintivo que tem como objetivo restabelecer a proximidade do indivíduo com a sua figura de vinculação (Bowlby, 1969/1984; 1969/1990; Cassidy, 1999), em que através desta, se procura explicar a importância que os cuidados parentais assumem nos primeiros anos de vida e a sua influência positiva e negativa no futuro desenvolvimento do indivíduo; que a *reputação* consiste num conjunto de impressões e comportamentos expectáveis que são baseados através das interações sociais (De Cremer & Sedikides, 2008); e que a *delinquência juvenil* que se deve a uma rutura do laço social, o que leva o sujeito à desviância e ao comportamento desviante (Cusson, 2007; Hirschi, 2002), sendo que esta rutura do laço social se deve a dificuldades familiares e escolares que vão constituir “preditores da delinquência” (Cusson, 2007). Isto é, a má integração nos grupos sociais em que os adolescentes deviam participar, e.g., as dificuldades de adaptação na escola ou o difícil relacionamento com pais, leva a que estes se tornem “delinquentes persistentes”.

Assim, a estudo organiza-se do seguinte modo: primeiramente será apresentada uma revisão da literatura, onde serão abordados e definidos os conceitos, de adolescência, delinquência, vinculação e reputação; depois e de acordo com a literatura serão indicados os objetivos e hipóteses do presente estudo; de seguida será descrita a metodologia tendo em conta a amostra, o delineamento do estudo, a apresentação dos instrumentos e respetivos autores e ainda os procedimentos de recolha de dados; posteriormente serão expostos os resultados esperados; e por fim será realizada a discussão deste trabalho.

1. Adolescência

Antes de abordar qualquer outro conceito é importante falar da adolescência, conceito que se relaciona com as problemáticas deste estudo – vinculação, preocupação com a reputação e delinquência.

O termo, “adolescência”, como descrevem Sampaio (2006), Palmonari, Carugati, Bitti e Sarchielli (1984) vem de *adolescere*, origem latina. Mas ao pensar-se na palavra “adolescência” e no seu significado etimológico, estes mesmos autores verificam que a noção da idade adulta se relaciona com o fim do crescimento, isto porque, *adolescere* significa “*crecer para*”, *ad* (para) + *olescere* (crescer), levando deste modo Sampaio (2006) a dizer que um adulto é uma pessoa que parou de crescer, logo é alguém incompleto, que não atingiu o fim de um processo. Mas ao abordar-se esta ideia é interessante perceber, que nesta linha de pensamento estes autores, Sampaio (2006), Palmonari, Carugati, Bitti e Sarchielli (1984) referem que um adolescente é alguém que se pode considerar inacabado, alguém em busca de algo melhor, encarando deste modo a identidade do adolescente como uma identidade em construção e por isso imperfeita.

Sampaio (2006) refere que a adolescência é, acima de tudo, um crescimento físico e mental, maturação e desenvolvimento, pois a cada dia que passa o adolescente estará diferente, e é importante perceber isto, porque, mesmo com os avanços e com os recuos, na grande maioria das situações o caminho do adolescente é “uma linha sinuosa, mas nítida” (p. 17), até à idade adulta.

Já para Gouveia-Pereira (2008), a adolescência é definida como “uma fase autónoma e prolongada do crescimento humano, com vicissitudes muito particulares” (p. 43) em que o adolescente enfrenta variadas e específicas tarefas de desenvolvimento, que levam à sua inserção no mundo social e à relação com a autoridade.

A adolescência corresponde, segundo Bastos (2011), Sprinthall e Collins (2003/1988), a um período de transição entre a infância e a idade adulta, sendo esta uma etapa essencial ao ser humano, como participante ativo na vida, procurando desta forma tornar todas as suas experiências significativas. E seguindo esta ideia, também Loureiro (2004) e Cajado (1968), concordam com Bastos (2011), ao considerarem a adolescência um período do desenvolvimento humano que têm início na puberdade e que se prolonga

até a entrada da fase adulta. Caracterizando-se por um período de grandes mudanças e amadurecimento de certas funções e capacidades, como e.g., as sexuais, intelectuais, mudança nos interesses, atitudes e formas de perceber e de se relacionar tanto consigo mesmo como com os outros (Loureiro, 2004). Isto é, neste período o adolescente passa por um período de rápidas mudanças, tanto ao nível exterior como interior (mudanças psicológicas), passando também pela idade de conquista: da autonomia, da construção da própria identidade, da definição da orientação sexual e da elaboração de projetos futuros (Bastos, 2011).

Mas ao abordar esta temática, a adolescência é importante saber, mais concretamente, em que idade começa e acaba, sendo isto uma tarefa difícil de definir, porque existem diversas opiniões. Por exemplo, a Organização Mundial de Saúde (OMS) considera que adolescência vai dos 10 aos 19 anos de idade inclusive, a Associação Internacional para a Saúde dos Adolescentes (IAAH) diz que vai dos 10 aos 24 anos e a Direção-Geral de Saúde (DGS) refere que a adolescência se situa entre os 10 e os 18 anos. Também outros autores divergem neste ponto, para Gouveia-Pereira (2008) a adolescência é uma fase da vida humana que se compreende entre os 11/12 e os 17/18 anos de idade enquanto que para Marcelli e Braconnier (2005) esta idade inicia nos 10/11 anos com a puberdade e pode ir até aos 25/30 anos não existindo uma idade fixa para o fim da adolescência. Estes últimos autores ainda referem que é nesta etapa, em termos fisiológicos, que se dá a maturação sexual, existindo uma diferenciação sexual pubertária nas raparigas por volta dos 10,5/11 anos de idade e nos rapazes por volta dos 12,5/13 anos de idade.

Se por um lado é difícil ter a certeza de quando acaba a adolescência, i.e., da sua idade concreta, por outro pode-se afirmar que esta é longa, começando na puberdade (Bastos, 2011; Cajado, 1968; Gouveia-Pereira, 2008; Loureiro, 2004; Marcelli & Braconnier, 2005) e acabando quando a pessoa já é independente, tanto biologicamente como psicologicamente, ou até mesmo economicamente, sendo que a idade em que isto acontece pode variar muito de pessoa para pessoa (Bastos, 2011). E como tal, Sampaio (1994), Gammer e Cabié (1999) também referem isso, ao dizer que a entrada na adolescência pode ser facilmente estabelecida em paralelo com o aparecimento dos acontecimentos biológicos que caracterizam a puberdade, no entanto, determinar o seu

final é mais difícil, mas normalmente está associada à conclusão da aquisição de valores e de formação de identidade que caracterizam a idade adulta.

Na adolescência as características dos adolescentes são marcadas pelo início das modificações corporais, pelas mudanças que ocorrem das percepções que os rapazes e as raparigas têm de si próprios e dos outros e também pelas relações que estabelecem entre si e os adultos, relações que são fundamentais para o equilíbrio psicoafectivo-emocional (Bastos, 2011). Estas principais transformações passam pelo corpo, pelas relações com os pares, pelas relações com os adultos em geral e pela forma de encarar o futuro, de se descobrirem a si mesmos (Bastos, 2011).

Bastos (2011) refere que as transformações na relação com os pais têm a ver com um menor tempo de convivência, uma maior dificuldade em contar as coisas da sua vida, pôr em causa ou questionar ideias e posições da família ou mesmo o desejo e o gosto de ser diferente, uma maior independência nas decisões, são frequentes as crises súbitas de depressão, a necessidade de isolamento, as crises de risco ou de choro, as mudanças repentinas de humor e de vontade, etc. Quanto às transformações nas relações com os outros rapazes e raparigas, é manifestado o desejo de ser aceite pelos outros, demonstrando-se isto muitas vezes através do aspeto exterior, e.g., a maneira de vestir, de pentear, a beleza física e a força que o rapaz ostenta, ou até mesmo através de comportamentos agressivos (Bastos, 2011). Já nas relações com os pares, onde é dada uma maior importância, Bastos (2011) diz que é através destas relações que surgem as grandes amizades, os “grandes amigos”, assim como o gosto pelas intermináveis conversas que por vezes geram grandes conflitos com os pais (e.g. contas telefónicas exorbitantes).

Também Gouveia-Pereira (2008) afirma que esta entrada na adolescência muitas vezes gera conflitos entre o indivíduo e os adultos significativos, referindo ainda, que a adolescência é um período específico da vida, em que o adolescente passa por diversas transformações – biológicas, físicas, psicológicas e sociais – o que leva a uma maior vulnerabilidade psicológica comparando a outras fases da vida.

Devido a estas transformações é necessário referir que a adolescência pode ser vista como “uma época de profunda crise” (Sampaio, 2006, p. 23/24) permanecendo a ideia de que os adolescentes são um grupo caracterizado por um enorme sofrimento pessoal, visto que alguns adolescentes promovem este ponto de vista através da pouca participação e

empenho nos contextos onde se movem, partindo do pressuposto que estão sempre a atravessar um período difícil (Sampaio, 2006).

A adolescência não é apenas uma idade da vida, mas também uma disposição do psiquismo humano, uma experiência cujos efeitos se reportam muito para além da primeira juventude (Diatkine, 1980). Assim este autor refere que enquanto “alguns pacientes” não começaram a adolescência, outros nunca dela saíram, independentemente da sua idade real.

A maior parte dos seres humanos entram na adolescência com um sentimento profundo de que uma vida nova começa, ou pelo menos deveria começar (Diatkine, 1980). De acordo com Diatkine (1980) ao pensar-se que a vida começa hoje ou amanhã é como um romper com a convicção infantil de que tudo no futuro será maravilhoso.

Assim, pode-se dizer que na adolescência, como em todas as outras fases da vida, o comportamento é resultante da interação que se verifica entre o indivíduo e o meio (Cajado, 1968). E que para se a poder compreender, é preciso que se entenda que esta não é apenas um período de mudanças centrado no próprio adolescente, mas em toda a sua dinâmica familiar (Sampaio, 1994).

Resumindo, a adolescência é considerada um período de transição entre a infância e a idade adulta, é uma etapa fundamental do ser humano, é um tempo de abertura e de descoberta, de afirmação e construção e ainda um período de rápidas mudanças, mudanças, estas, que são exteriores (do corpo, da imagem de si próprio) e interiores (emoções, humores, atitudes e valores, campo conceptual, relações com a família e com os colegas, liberdade e responsabilidade, autonomia, etc.) (Bastos, 2011).

2. Delinquência juvenil

O interesse por esta temática começou por se manifestar ainda durante o século XIX (Carvalho, 2011) e ao longo de vários anos tem sido objeto de discussão, objeto que tem levado alguns autores a interrogarem-se sobre se existirá alguma definição correta e rigorosa e se o conceito poderá ter um sentido claro e uniforme para toda a gente (Paíga, 2012; Kazdin & Bucla-Casal, 2001; Luzes, 2010). Contudo, para Hirschi (2002) a sua definição é clara e refere-se a todo e qualquer comportamento que viola uma norma legal, i.e., a comportamentos que transgridem as leis (Bordin & Offord, 2000; Luzes, 2010).

Na sociedade portuguesa, a delinquência tem se tornado um problema muito grave e com consequências preocupantes (Sanches & Gouveia-Pereira, 2010). Sendo que do ponto de vista destas mesmas autoras, este é um fenómeno que tem tendência a aumentar, visto que emerge sobretudo nos bairros problemáticos e em famílias com carências – socioeconómicas e emocionais (Sanches & Gouveia-Pereira, 2010).

Como tal, a delinquência tem sido associada a muitas consequências sociais, sendo utilizada em muitos estudos e investigações que se estendem por áreas como a psicologia, a sociologia e o direito (Benavente, 2002; Luzes, 2010). Assim sendo, e de acordo com Formiga e Gouveia (2003, cit. por Formiga, Aguiar & Omar, 2008) a delinquência desenvolve-se através de:

novas experiências indiscriminadas que algumas atitudes e comportamentos podem caracterizar apenas diversão ou a vida em grupos e assumir etiquetas da delinquência juvenil e tornar-se, com isso, salientes: as formas de organização social que os jovens adotam – as gangs, a criação de jogos de diversão violentos, as balbúrdias em festas, o vandalismo e o alto consumo de álcool e fumo (p. 669).

Segundo Pasquali, Pinheiro e Lima (s.d.) a delinquência é definida como “o conjunto de comportamentos, que, praticados por indivíduos que não atingiram ainda a maioridade civil, dentro de um contexto social, representam uma violação à lei” (p. 151). Enquanto que por Salazar-Estrada, Torres-López, Reynaldos-Quinteros, Figueroa-Villaseñor e Araiza-González (2011), a delinquência é vista como uma forma de inadaptação social e sobre esta anomalia é dado um desafio à sociedade e as suas regras de convivência.

A delinquência também pode ser catalogada em dois grupos: a delinquência limitada à adolescência (*adolescent-limited offenders*) e a delinquência persistente ao longo da vida ou delinquência de carreira (*life-course persistent offenders*) (Moffitt, 1993; 2006; Moffitt & Caspi, 2000; Born, 2005; Brezina & Piquero, 2007; Fonseca & Borja, 2010; Carvalho, 2011; Blanc, 2003). A *delinquência limitada à adolescência* normalmente é temporária e exploratória (Born, 2005), é uma delinquência que procura uma cisão com os valores familiares e sociais (Moffitt, 1993; Moffitt & Caspi 2002; Blanc, 2003) e que raramente se inicia antes dos 11-12 anos (Born, 2005). No seu ver, ao enveredar por este meio o adolescente crê que pode tornar-se adulto mais rapidamente, realizando tarefas que

julga que já pode concretizar, como o consumo de drogas e de álcool, iniciar a vida sexual, entre outras (Brezina & Piquero, 2007). Todavia, os adolescentes acabam por experimentar este mundo de delinquência mas não permanecem nele, largando-o no fim da puberdade, no fim da adolescência (Moffitt, 1993). Quanto à *delinquência persistente*, é de início prematuro, permanecendo em várias etapas da vida, manifestando maior visibilidade de perturbações neurobiológicas e comportamentais (Moffitt, 1993; Moffitt & Caspi, 2002; Born, 2005; Blanc, 2003). Pode ser compreendida através de hábitos educativos e de uma organização social adversa, juntamente com uma grande probabilidade de exposição a determinadas emoções negativas e estilos parentais desajustados e contraditórios para as crianças (Moffitt, 1993). Este tipo de comportamento vai evoluindo progressivamente e de forma frequente à medida que a criança cresce (Moffitt, 1993), mantendo-se para além do final da adolescência (Moffitt, 1993; Born, 2005) e mantendo-se ao longo da vida (Brezina & Piquero, 2007).

Ao falar de delinquência é necessário referir a delinquência juvenil, que para Negreiros (2001) consiste em modos de agir que violam normas e expectativas socialmente estabelecidas. Por outras palavras, a delinquência juvenil é um padrão de comportamentos extremamente comuns, que afetam toda a sociedade; comportamentos, estes, que se denominam como comportamentos delinquentes em que não partem todos da mesma fisionomia, i.e., não são considerados em todo o lado como delinquentes (Born, 1983). O que pode ser considerado como comportamento delincente num certo país noutro pode não o ser (Born, 1983). Contudo para Negreiros (2001) o conceito de comportamento delincente é utilizado quando se pretende mencionar os comportamentos que violam as leis, sendo deste modo considerados comportamentos ilegais.

Investigações realizadas a partir de 1950 demonstraram que a delinquência juvenil deve-se a uma rutura do laço social, o que leva o sujeito à desviância e ao comportamento desviante (Cusson, 2007; Hirschi, 2002). Esta rutura do laço social deve-se muitas vezes a dificuldades familiares e escolares que vão constituir “preditores da delinquência” (Cusson, 2007). Ou seja, a má integração nos grupos sociais em que os adolescentes deviam participar, e.g., as dificuldades de adaptação na escola ou o difícil relacionamento com pais, leva a que estes se tornem “delinquentes persistentes”. Isto acontece porque segundo Cusson (2007), o “controlo social informal não pode exercer-se num vazio relacional” (p. 83), o que faz com que o adolescente siga os caminhos da delinquência. Já

o(s) comportamento(s) desviante(s) pode(m) ser considerado(s) comportamento(s) de desvio às normas e expectativas sociais, sem que para isso haja uma infração à lei, como é o caso da delinquência (Sanches & Gouveia-Pereira, 2010; Sanches, Gouveia-Pereira & Carugati, 2011). Sendo que a emergência destes comportamentos de desvio podem resultar da vivência de grandes dificuldades económicas, do aumento do desemprego, do trabalho precário e da pobreza (Sanches & Gouveia-Pereira, 2010).

2.1. Delinquência e/ou desviância.

A desviância pode ser caracterizada através de comportamentos que se afastam das normas, dos padrões de conduta e das expectativas sociais de uma determinada cultura ou sociedade, i.e., “um comportamento que é fortemente “desvalorizado” pela sociedade” (Costa, 1989, p. 218). Estas normas, padrões de conduta e expectativas sociais diferem tanto de indivíduo para indivíduo como no tempo e no espaço, tornando-se assim difícil de especificar quais as normas, padrões ou expectativas sociais que são aceites num certo meio cultural, bem como o grau de afastamento de um comportamento em relação a uma norma que possa ser considerada como “desviante” (Costa, 1989). Apesar de esta definição ser bastante utilizada, não deixa de ser verdade que lhe está incutida uma forte quantidade de ambiguidade e imprecisão (Costa, 1989).

Este conceito de desviância refere-se, então, “à falta ou escassez de conformidade em relação às normas ou obrigações sociais” (p. 8), mas, só se pode determinar que um certo comportamento é desviante comparativamente a uma dada comunidade, tendo em conta a sociedade em que esse comportamento surge. Isto porque cada sociedade limita os comportamentos que são considerados socialmente aceites ou não (Paíga, 2012). Este conceito de desviância, embora universal, ainda que varie na forma e conteúdo, é muitas vezes criado pela sociedade no sentido em que são os grupos sociais que a criam ao fazerem regras (Paíga, 2012; Becker, 1966). Assim sendo, a desviância não é a qualidade do ato que a pessoa comete mas uma consequência da resposta dos outros ao ato de uma pessoa, logo para o ato ser desviante depende de como as pessoas reagem, e isto varia de acordo com o tempo, com quem cometeu o ato e com quem se sente prejudicado por ele (Becker, 1966). Então o indivíduo considerado desviante pode ser considerado a pessoa que faz as regras, regras essas que ele é acusado de infringir (Becker, 1966). Neste contexto e voltando à delinquência, em que esta assume uma compreensão ampla, a de desviância, pode-se referir que a definição de ambos os conceitos – delinquência e

desviância – são equivalentes, comparando-se assim que ambas levam a uma violação das normas de conduta em uso, seja como conduta que está em conflito ou em desacordo com os interesses prioritários da comunidade, ou como um comportamento que se desvia das normais práticas sociais (Frechette, 1987).

2.2. A delinquência e a escola.

No que se refere à escola, Born (1983) e Costa (1989) expõem que a escola é um dos fatores que pode explicar o comportamento delinquente, através dos comportamentos de socialização, conduzindo assim a uma inadaptação escolar. A escola é assim considerada como um meio imposto e escolhido porque a experiência escolar é determinada tanto pelas características da família, como pela sua participação pessoal (Born, 1983). Sendo que “a maneira como o jovem vive a sua escolaridade facilita a sua socialização” (Born, 1983; p. 120). A escola e a experiência escolar constituem, deste modo, fatores suscetíveis de desencadear o aparecimento de comportamentos desajustados no indivíduo (Costa, 1989).

Mas também o ambiente escolar é um ambiente favorável à delinquência, visto que facilita relações pro-sociais entre estudantes e entre estudantes e professores (Carvalho, 2011). Sendo considerado por Carvalho (2011) como um dos contextos mais importantes de convivência dos adolescentes com os seus amigos, logo, também é o local no qual recebem mais influência destes.

Poderá então dizer-se que a escola é um local decisivo no ambiente dos adolescentes, porque é nela que permanecem a maior parte do tempo, onde se desenvolvem intelectual, emocional e socialmente (Carvalho, 2011).

3. Vinculação

3.1. Teoria da vinculação.

O início do desenvolvimento da teoria da vinculação surgiu com John Bowlby, numa tentativa de explicar “porque é que as relações precoces da infância com os pais têm um efeito tão penetrante e duradouro no desenvolvimento da personalidade” (Mikulincer & Shaver, 2007, p. 4). Existindo uma continuidade na formação da teoria graças ao trabalho de Mary Ainsworth sendo posteriormente alargada e desenvolvida através de outros

estudiosos da época, como Hazan, Shaver, Zimmermann, entre outros (Bowlby & Ainsworth, 1991; Bretherton, 1992).

Para os autores principais, Bowlby e Ainsworth, a vinculação define-se através de um laço afetivo que uma pessoa cria com a outra, que os une e que perdura no tempo (Ainsworth, 1989; Bowlby, 1979), visto como uma fonte de segurança e que fornece uma base segura, a partir da qual, o indivíduo explora o mundo (Bowlby, 1979, 1988). Segundo Bowlby (1981) a estabilidade do laço afetivo que é criado com a figura de vinculação não pode ser substituída por outra.

O autor também refere que é a noção de sistema comportamental instintivo que tem como objetivo restabelecer a proximidade do indivíduo com a sua figura de vinculação em situações que causam ansiedade e/ou sentimento de insegurança (Bowlby 1969/1984, 1969/1990; Cassidy, 1999). Esta consiste numa relação privilegiada que é estabelecida entre a criança e um adulto particular em que este lhe presta cuidados e lhe transmite segurança e proteção (Bowlby, 1982).

Já para Ainsworth (1989), a autora defende que as relações de vinculação têm características particulares e exclusivas, quando comparadas com outras relações sociais, tendo sempre por base a busca de conforto, de apoio, sustento e proteção.

Bowlby refere que a vinculação não se dá apenas enquanto o indivíduo é criança, o autor referencia a importância da vinculação como fenómeno que acompanha o indivíduo ao longo do seu desenvolvimento, “desde do berço até à sepultura” (Bowlby, 1979/2003, p. 129). E que apesar dos pais ou dos seus substitutos serem as primeiras figuras a quem o indivíduo se vincula e não serem totalmente substituíveis, este ao longo do seu desenvolvimento vincular-se-á a outras figuras (Bowlby, 1969/1990, 1981). Também Geda (1997) refere que a importância dos laços afetivos pais-criança vão para além da infância.

Sendo que as experiências de vinculação afetiva parecem ter influencia no modo como os indivíduos percecionam, interpretam e dão sentido aos desafios e exigências do meio envolvente e na maneira como aprendem a enfrentar as dificuldades das suas experiências de vida, adaptando-se de forma psicologicamente mais saudável (Geda, 1997).

A relação de vinculação descrita por Bowlby e Ainsworth constrói-se progressivamente (Guedeney & Guedeney, 2002/2004), contudo é estabelecida por volta dos sete, oito meses, ligando a criança a uma ou mais figuras estáveis e tidas como únicas ao longo da sua vida (Cardoso & Veríssimo, 2013). Essa figura, considerada como figura de vinculação funciona então como base segura, ou seja, a criança afasta-se e regressa para junto dessa figura, periodicamente, para brincar ou estabelecer contacto, afastando-se novamente para explorar objetos ou interagir com outras pessoas (Ainsworth, 1967; Bowlby, 1971; Cardoso & Veríssimo, 2013; Guedeney & Guedeney, 2002/2004). Estes comportamentos de base segura surgem através de experiências realizadas por Ainsworth na *Situação Estranha* (descrita mais à frente). Com estes comportamentos de base segura aparecem outras características que distinguem as relações de vinculação das outras relações sociais, como a procura de proximidade, a noção de comportamento de refúgio (retorno em direção à figura de vinculação quando o indivíduo se apercebe de uma ameaça) e as reações marcadas perante a separação (involuntária) (Ainsworth, 1989; Guedeney & Guedeney, 2002/2004).

3.2. Situação estranha e padrões de vinculação.

A *Situação Estranha* – um procedimento desenvolvido para avaliar a qualidade de vinculação das crianças – surgiu através de estudos empíricos desenvolvidos por Ainsworth (Ainsworth & Bell, 1970; Tracy & Ainsworth, 1981).

Nesses estudos realizados por Ainsworth, as crianças eram submetidas a separações e subsequentes reuniões com a sua figura de vinculação, onde eram observadas e avaliadas as suas reações (Ainsworth, 1979; Ainsworth & Bell, 1970; Tracy & Ainsworth, 1981; Mikulincer & Shaver, 2007; Hazan & Shaver, 1994). Ainsworth e os seus colegas puderam observar, através desta experiência, a existência de três grandes tipos de padrões de respostas das crianças: um estilo *Seguro*; um estilo *Evitante*; e um estilo *Ansioso-Ambivalente* (Ainsworth, 1979; Ainsworth & Bell, 1970; Tracy & Ainsworth, 1981; Mikulincer & Shaver, 2007; Hazan & Shaver, 1994). Mas enquanto estes autores referem apenas três padrões de vinculação, o *Seguro* – em que existem comportamentos de afeto, contato físico e sensibilidade por parte da figura de vinculação; o *Inseguro-Evitante* – em que existem comportamentos de evitamento em relação à figura de vinculação; e o *Inseguro-Ambivalente/Resistente* – em que existe uma resistência ao contacto e interação com a figura de vinculação, ao mesmo tempo, que existe uma procura de proximidade e

contacto físico com esta; outros autores como é o caso Main e Solomon (1986 cit. por Minnis et al., 2009; 1990; Machado, 2007) referem que existem quatro, que para além dos que foram acima mencionados, existe ainda o *padrão de vinculação desorganizado* – em que a criança apresenta uma falta de organização coerente do seu comportamento de vinculação.

A *Situação Estranha* é o método mais utilizado no quadro da pesquisa da vinculação na infância, tendo a sua validade e fidelidade bem estabelecida, através dos inúmeros estudos que investigaram vários aspetos da emergência de diferenças individuais no processo do desenvolvimento sócio emocional (Jongenelen, Soares, Grossmann, Martins, 2006).

3.3. A família e os pares.

Em relação à família, há bastante tempo que a relação entre pais e filhos tem sido relacionada com os comportamentos dos adolescentes (Formiga, 2005), o que leva Carvalho (2011) a referir que a maior parte dos estudos relacionados com a família e com a delinquência juvenil apontam a família como um fator que potencia ou não o comportamento delinvente. Devido às discussões conjugais, a problemas psicossociais dos pais e a delinquência no seio familiar, i.e., a presença de pais também delinquentes podem potenciar a delinquência dos filhos (Carvalho, 2011; Bordin & Offord, 2000).

Formiga (2005) menciona que o primeiro grupo onde uma pessoa recebe uma formação individual e social é a família, sendo esta que além de promover a formação individual e social do indivíduo também promove a sua “internalização, transmissão e manutenção moral e valorativa” o que permite “chegar o mais próximo possível de uma predição das atitudes e comportamentos aceites, não somente no transcorrer da vida juvenil, mas também na etapa adulta” (p. 604).

Por sua vez, Bordin e Offord (2000) defendem que a falta de cuidados parentais e o facto de se viver num ambiente de discórdia e/ou com pais violentos e agressivos contribuem para uma delinquência. Em concordância com o que foi referido anteriormente, também Casoni e Brunet (2003) mencionam que as carências do meio familiar e o papel da vinculação nas figuras parentais são importantes no desenvolvimento do indivíduo. Isto porque a ausência do pai pode resultar num excesso de apego da mãe em relação à criança,

levando assim a que as crianças se tornem mal ajustadas emocionalmente (Pasquali, Pinheiro & Lima, s.d.). O excesso de amor e de severidade podem assim desencadear o comportamento delinvente, como já foi referido anteriormente (Pasquali, Pinheiro & Lima, s.d.; Casoni & Brunet, 2003; Bordin & Offord, 2000).

Também Carvalho (2011), através dos autores Schonberg e Shaw (2007), refere que no que concerne à família, o facto dos pais, especialmente as mães, serem portadores de problemas psicológicos, como as depressões, o de não existir uma boa relação entre pai e mãe ou entre pais e filhos, ou o de os pais aplicarem castigos/punições exageradas e desnecessárias, entre outras situações, vai influenciar negativamente o comportamento dos adolescentes, tornando-os assim pessoas mais violentas. Ainda segundo estes autores, o facto de os pais terem comportamentos muito severos e autoritários com os filhos leva a que os adolescentes se tornem em delinquentes persistentes (Carvalho, 2011), ou seja, que estes mantenham estes comportamentos ao longo do tempo (Moffitt, 2006; Carvalho, 2011). E assim sendo, por vezes, o grupo de amigos funciona na maioria das vezes como base de influências, como forma de “refúgio” em relação às figuras parentais (Cusson, 2007). Ou seja, se o adolescente tiver um funcionamento familiar saudável existe menor probabilidade de ser influenciado pelos pares desviantes e com isto a envolver-se em comportamentos delinquentes (Gao, Yu & Ng, 2013).

As amizades constituem, juntamente com a família, a rede primária dos adolescentes, uma vez que é nesse contexto que ocorrem os relacionamentos com os pares. Os pares, ou os amigos são um grupo importante para o desenvolvimento psicossocial da criança ou adolescente, visto que consagra a estes um sentido de pertença, uma ajuda emocional e normas de comportamento (Carvalho, 2011).

Os grupos de pares têm um papel fundamental na construção da identidade e da autonomia (Simões, 2000) porque promovem interações que permitem a formação de opiniões e atitudes acerca dos próprios indivíduos, dos outros relevantes e do mundo social (Simões, 2000). E para além disto, ainda constituem um espaço de diálogo acerca dos seus problemas, pessoais, escolares e profissionais (Simões, 2000).

Deste modo, um grupo de amigos que não sejam delinquentes, são uma boa influência para a não delinquência, mas se um grupo de amigos, pelo contrário, forem um

grupo com comportamentos antissociais, i.e., um *gang*¹, torna-se mais fácil o caminho da delinquência, podendo-se dizer, neste sentido, que uma ligação com amigos delinquentes torna mais forte e consistente a relação com a delinquência (Carvalho, 2011). Portanto, em concordância com o que foi referido anteriormente um importante preditor de comportamentos negativos entre os adolescentes é a influência dos pares (Gao, Yu & Ng, 2013; Carvalho, 2011).

3.4. A vinculação e a delinquência.

Quando falamos de comportamentos antissociais, ou seja, de comportamentos de desrespeito pelos direitos dos outros ou violações das normas sociais em vigor numa determinada sociedade (Machado, 2004), com manifestações de agressividade a ideia central e que reúne consenso entre os investigadores é a pluralidade de fatores de risco, entre os quais se encontra a vinculação (Machado, 2004). Assim existe uma variadíssima gama de estudos que enquadram a vinculação com os comportamentos delinquentes, mais concretamente, com a delinquência.

Alguns dos estudos encontrados referem que níveis elevados de vinculação aos progenitores minimizam as probabilidades de envolvimento dos adolescentes em situações de delinquência. Como é o caso do estudo realizado por Cooper, Shaver e Collins (1998) onde foi constatado que os adolescentes que se encontram seguramente vinculados aos pais apresentam maior índice de crimes contra a propriedade, de consumo de álcool e de outras substâncias aditivas e ainda de contactos sexuais ocasionais (e.g. comportamentos sexuais de risco).

Outros estudos como os de Marcus e Betzer (1996), de Elgar, Knight, Worrall e Sherman (2003) e de Buist, Dekovic, Meeus e Aken (2004) revelaram resultados semelhantes, no sentido em que, para além de existir uma relação entre a vinculação e perturbações do comportamento, salientam que esta é de natureza recíproca. Embora estes autores, mencionados anteriormente, demonstrem estes resultados, outros verificam o inverso, ou seja, que o comportamento desviante e a qualidade dos laços emocionais dos adolescentes com os progenitores é mediada por variáveis como e.g. a frequência de

¹ É um “grupo característico de adolescentes, reconhecido interna e externamente enquanto tal e que se dedica a uma atividade delituosa que suscita a hostilidade de vizinhança e da polícia local” (Klein, cit. por Cusson, 2007, p. 160).

conflitos e orientação para os pais e a supervisão e a tolerância parental (Claes, Lacourse, Ercolani, Pierro, Leone & Presaghi, 2005).

Marcus e Betzer (1996), num estudo sobre relação entre vinculação (ao progenitor) e comportamentos antissociais, verificaram a existência de uma relação negativa entre o comportamento antissocial e a vinculação segura. Estes autores indicam que a presença de uma vinculação segura tanto aos progenitores como aos amigos pode constituir um fator de proteção no caso do início do envolvimento em comportamentos delinquentes (Machado, 2004).

Também Allen, Moore, Kuperminc e Bell (1998) nos seus estudos sobre a vinculação em adolescentes constataram uma relação significativa entre a vinculação aos pais e a adoção de comportamentos delinquentes.

Ao avaliarem a importância da coesão e da adaptabilidade nas dinâmicas familiares, Matherne e Thomas num estudo realizado em 2001, averiguaram uma relação entre o contexto familiar e a delinquência, sendo afetado pelo estilo comunicacional. Isto vai ao encontro do estudo realizado por Clark e Shields (1997), onde foi verificado que o nível comunicacional entre os progenitores e os filhos é importante na proteção de comportamentos delinquentes, sendo registado neste estudo uma menor incidência de comportamentos delinquentes em adolescentes com um bom nível comunicacional com os progenitores. Isto leva-nos a outros autores Bretherton e Munholland (1999) que referem que o facto da criança se encontrar vinculada aos pais de forma segura faz com que seja percebida como alguém competente, valorizada e com capacidade de valorizar.

Num estudo realizado sobre representações de vinculação e problemas de comportamento associado, os autores também constataram que as crianças mais seguras manifestam menos comportamentos desajustados (Pinhel, Torres & Maia, 2009).

Alguns autores também consideram a agregação a pares desviantes como suscetível de ser minimizada pela existência de uma relação de vinculação adequada aos progenitores (Johnson, 1979; Vitaro, Brendgen & Trembley, 2000). Outras investigações apontam que a organização da vinculação dos adolescentes modera a ligação entre a qualidade das suas relações de amizade e o desenvolvimento em atividades delinquentes (McElhaney, Immele, Smith & Allen, 2006). Estes mesmos autores referem ainda que os adolescentes

que tinham amigos com os quais se sentiam próximos e em que podiam confiar relatavam menores níveis de delinquência (McElhaney, Immele, Smith & Allen, 2006). Ao contrário, aqueles que verificavam elevados níveis de delinquência revelavam mais confiança e respeito por amigos bastante ténues (Brownfield & Thompson, 1991). Assim, estes estudos revelam que a existência de uma vinculação segura com amigos íntimos, pode ser importante na prevenção da delinquência, ao contrário dos amigos mais afastados, que por serem respeitados (talvez por medo) podem levar o outro à prática de comportamentos delinquentes.

Estudos que relacionam a delinquência com os amigos e pares, apontam a ligação a pares desviantes como um dos principais fatores desencadeantes do comportamento delinvente (Claes, Lacourse, Ercolani, Pierro, Leone & Presaghi, 2005). Contudo nesse mesmo estudo os autores verificaram que um fator de proteção contra estas “amizades” é a qualidade de vinculação entre os adolescentes e os seus progenitores, o que também é verificado por Vitaro, Brendgen e Tremblay (2000).

A ausência de vinculação parental, mais concretamente, a presença de relações afetivas e vinculativas maternas frágeis ou inexistentes, podem juntamente com outros fatores, originar comportamentos delinquentes, muitas vezes como forma de os jovens expressarem a revolta e a rejeição que sentem (Cusson, 2002; Kadin & Buela-Casal, 2001).

Segundo Hirshi (2002) a carência de laços afetivos e de uma vinculação firme à sociedade, nomeadamente com os progenitores e com o grupo de pares, poderá dotar o indivíduo de maior pré-disposição para a prática de crimes. Deste modo, quanto mais sólidos forem os laços que o indivíduo tem com a sociedade e quanto maior for a sua conformidade e consenso para com a sociedade, menos será a tendência para contrariar as normas sociais (Born, 2005).

Hirshi (2002) destaca a vinculação, o empenhamento, o investimento e as crenças como elementos principais do laço social, referindo que a possibilidade de cada indivíduo ser um “potencial desviante”, depende destas variáveis sendo que tudo isto poderá criar uma “intolerância ao desvio”, não enveredando pela via criminal.

Num estudo em que foi analisada a qualidade da vinculação e a reputação social na infância, os autores (Ferreira, Santos & Veríssimo, 2010) concluíram que existem

diferenças significativas em várias dimensões, mostrando que as crianças com vinculação segura têm uma reputação social mais positiva do que as crianças com vinculação insegura.

Posto isto, é importante referir que a vinculação aos progenitores e aos pares, podem por um lado revelar-se como fatores de proteção como de risco, porque tanto podem conduzir o adolescente à delinquência ou a prática de comportamentos delinquentes como não.

4. Reputação

A reputação, ou seja, a “forma como os indivíduos são percecionados pelos outros” (Correia, Santos, Freitas, Rosado & Rubin, 2014, p. 463) é uma temática que ao longo dos anos tem sido bastante estudada pelos mais diversos autores (Emler, 1984, 1990; Emler & Reicher, 1995; Carroll, Houghton, Hattie & Durkin, 2004; Gouveia-Pereira, 2008; De Cremer & Sedikides, 2008; Buelga, Musitu & Murgui, 2009; Ruiz, López, Pérez & Ochoa, 2009; Lisboa, 2011; Correia, Santos, Freitas, Rosado & Rubin, 2014; Joosten, Dijke, Hiel & De Cremer, 2014). Contudo, para Correia, Santos, Freitas, Rosado & Rubin (2014) quando se relaciona a reputação com a adolescência, isso tem sido pouco visível, revelando-se escassos os estudos que pretendam evidenciar empiricamente estas duas temáticas.

Todavia, a definição de reputação dada por diversos autores, tanto em adolescentes como em adultos, é vista da mesma forma, consistindo simplesmente em crenças ou opiniões que normalmente são realizadas sobre alguém; julgamentos que emergem do tratamento com os outros (De Cremer & Sedikides, 2008; Emler & Reicher, 1995), de um conjunto de impressões e comportamentos expectáveis que são baseados através das interações sociais (De Cremer & Sedikides, 2008). É a forma como uma pessoa é vista e percecionada pelos outros (Joosten, Dijke, Hiel & De Cremer, 2014).

Para De Cremer e Sedikides (2008) a reputação reflete a forma como os outros percebem e avaliam características importantes que um determinado indivíduo possui.

Citando uma frase proferida há dois mil e quinhentos anos por Sócrates: “a maneira de se conseguir boa reputação reside no esforço em ser aquilo que se deseja parecer” (Lisboa, 2011, p. 2).

Mas o que leva os indivíduos a preocuparem-se com a reputação? A preocuparem-se, segundo Joosten, Dijke, Hiel e De Cremer (2014) com a imagem que transmitem de si próprios aos outros? Essa resposta é-nos fornecida através de De Cremer e Bakker (2003) que explicam que o facto de os indivíduos quererem ser aceites e respeitados pelos outros, pelas mais diversas razões, e.g. identidade social, autoestima, entre outras, faz com que haja essa preocupação em relação à reputação. Também De Cremer e Tyler (2005) são da mesma opinião, que a integração de uma pessoa num grupo e as relações com os seus membros estão fortemente influenciadas com a maneira como são respeitadas. Assim, pode-se dizer e de acordo com Walker (2010) que a identidade social, a imagem e a reputação ainda são palavras frequentemente usadas como sinónimos.

Alguns autores que estudaram a reputação na adolescência, Carroll, Houghton, Hattie e Durkin, em 2004, referem que os adolescentes regulam a sua autoidentidade e autoapresentação de modo a que os outros os percecionem da forma por eles desejada.

Ou ainda, Buelga, Musitu e Murgui (2009), Ruiz, López, Pérez e Ochoa (2009) referem dois tipos de reputação, a *reputação real ou percebida* – onde é dada importância à consideração do vínculo entre a identidade social e o adolescente – e a *reputação ideal* – onde é dada importância à imagem que a pessoa quer projetar aos outros e o ajustamento comportamental.

Para Badaly, Schwartz e Gorman (2012), as percepções que os adolescentes têm quanto à sua posição social e à sua reputação podem levar a que estes moldem as suas decisões e a forma como agem em determinadas situações sociais.

Assim, a reputação de uma pessoa irá sempre basear-se no resultado das impressões que as outras têm dela. Impressões que irão ser sempre o resultado de uma interpretação, que nem sempre poderá ser racional ou objetiva (Lisboa, 2011).

4.1. A reputação e a delinquência.

No que se refere à reputação e à delinquência, existem dois autores importantes, que se têm dedicado bastante a estas duas variáveis, são eles Emler e Reicher (1995). De acordo com estes autores, e passo a cita-los, a reputação baseia-se “na conduta de uma pessoa como um todo e não sobre alguns aspetos parciais que se encontram disponíveis para os julgamentos acerca dos indivíduos” (p. 104).

Através dos estudos realizados nestas áreas – delinquência e reputação – Emler e Reicher (1995) falam de uma teoria do aumento da reputação, em que a delinquência é vista como uma autoapresentação que estabelece uma identidade social não patológica e racional. Ou seja, segundo esta teoria os indivíduos não poupam esforços para desenvolver e manter uma imagem ou identidade social que desejam apresentar e promover perante os outros, perante a sua comunidade (Emler, 1984). Deste modo, os indivíduos comunicam as suas identidades através de comportamentos intencionais e visíveis, de forma a persuadir os outros que pertencem a uma categoria social em especial (Emler, 1990). As reputações não são apenas as impressões que os indivíduos possuem de si próprios, mas antes fenómenos coletivos, resultantes de processos sociais (Emler, 1990).

Buelga, Musitu e Murgui (2009) analisaram a reputação e a agressividade na adolescência através de uma dupla perspetiva psicossocial: (1) o que acham os adolescentes da forma como os outros pensam acerca da sua reputação (*real ou percebida*); e (2) o que gostariam que os outros pensassem acerca da sua reputação (*ideal*). Os resultados do estudo sugeriram que tanto a *reputação real* como a *ideal*, têm um efeito direto e indireto sobre o comportamento agressivo praticado pelos adolescentes em contexto escolar. Assim, no que diz respeito aos efeitos diretos entre a reputação e a agressão, os resultados indicam que a necessidade de ter um maior reconhecimento social (*reputação ideal*) entre os pares está positivamente relacionada com a participação em condutas de exclusão social, enquanto que a perceção de ter um reconhecimento social (*reputação real*) está negativamente associada ao comportamento agressivo. Deste modo, o estudo revela que a reputação tem uma relação estatisticamente significativa com a agressividade entre pares na adolescência e que essa relação é reforçada quando se associam variáveis de solidão e satisfação com a vida. Os autores referem ainda que não é o facto do adolescente ter uma reputação alta que proporciona o comportamento violento, mas sim o seu desejo de ter mais reputação entre os pares.

Também Ruiz, López, Pérez e Ochoa (2009) estudaram a relação existente entre a reputação social do adolescente, a violência e o contexto escolar, comprovando que existe uma associação tanto direta como indireta com a *reputação ideal* e a conduta violenta do adolescente, enquanto que na *reputação real/percebida* a única relação que encontraram era indireta com a violência. Ou seja, estes dados revelam que os adolescentes que anseiam por uma alta reputação (*reputação ideal*), i.e., que demonstram uma nova identidade social

de forma a integrar-se no grupo respeitado e valorizado, são mais propensos a fazer uso da violência de forma a atingir esse objetivo; pelo contrário, os adolescentes que não desejam melhorar a sua reputação e onde a sua posição dentro do grupo de pares não se encontra ameaçada (*reputação percebida*) demonstram menos benefícios no uso da violência (Ruiz, López, Pérez & Ochoa, 2009).

Outro estudo nesta área é o de Gouveia-Pereira realizado em 2008, em que foi analisado, separadamente, a reputação que os adolescentes entre os quinze e os dezanove anos de idade tinham junto dos pares, dos colegas de turma e a reputação que tinham junto da autoridade, concretamente, junto dos professores. A autora demonstra que tanto a reputação junto dos professores como junto dos colegas de turma é um conceito multidimensional, na medida em que são construídas com base em diversas dimensões: *dimensões normativas* e socialmente valorizadas pela escola – como a solidariedade/cooperação com os colegas, o bom relacionamento com os professores e o bom aluno – e *dimensões de natureza antinormativa* de oposição aos valores da escola – como comportamentos disruptivos e aditivos. O estudo evidenciou que os adolescentes constroem uma reputação socialmente valorizada e de acordo com os valores e normas escolares, dependendo do tratamento que lhes é proporcionado, ou seja, quanto mais se sentem respeitados e ouvidos pelos seus professores mais constroem uma reputação socialmente aceite. O que não acontece com os colegas de turma, onde existe uma maior preocupação dos adolescentes em ter uma reputação escolar positiva junto dos professores do que junto dos colegas de turma, embora isso não signifique que menosprezem a reputação juntos dos colegas de turma. Contudo a é importante referir que o facto dos adolescentes se preocuparem menos com a reputação perante os colegas de turma não significa que o façam com junto dos amigos. E isto é confirmado por Emler (1984) quando refere que jovens delinquentes, muitas vezes, não usam os professores ou os pais para apoiar as suas reputações mas sim os colegas.

No fundo, independentemente de serem delinquentes ou não, os adolescentes empenham-se bastante em construir e manter pública a sua reputação (Carroll, Houghton, Hattie & Durkin, 2004). Podendo construir uma identidade social que desejam, ou seja, podem desejar definir-se a si próprios como cumpridores da lei, como estudantes, como desportistas ou como delinquentes (Carroll, Houghton, Hattie & Durkin, 2004).

5. Objetivos e hipóteses

Com base em todos os aspetos apresentados ao longo da revisão de literatura, foi possível verificar que a adolescência é uma fase importante do ser humano, sendo considerada como um período de transição entre a infância e a idade adulta, existindo deste modo mudanças tanto ao nível do corpo e da própria imagem (mudanças externas) como mudanças inerentes à relação com os pais e com os pares (mudanças interiores) (Bastos, 2011). Deste modo, alguns autores referem que o facto dos adolescentes terem uma relação com vínculos seguros aos progenitores faz com que apresentem menor índice de delinquência (Cooper, Shaver & Collins, 1998; Marcus & Betzer, 1996; Buist, Dekovic, Meeus & Aken, 2004; Allen, Moore, Kuperminc & Bell, 1998). O mesmo padrão é demonstrado em relação aos amigos e pares, onde é mencionado que ao terem amigos em quem confiam e de quem são próximos leva a uma menor existência de comportamentos desviantes (McElhaney, Immele, Smith & Allen, 2006). Contudo, outros estudos revelam que um dos principais fatores de comportamento delincente é o facto dos adolescentes se associarem a pares desviantes (Claes, Lacourse, Ercolani, Pierro, Leone & Presaghi, 2005). Em suma, o que é demonstrado nos estudos encontrados é que os adolescentes ao terem uma vinculação segura vão demonstrar menos comportamentos delinquentes.

Quanto à reputação, é referenciado em alguns estudos que a delinquência tem efeito direto e indireto sobre o comportamento agressivo (Buelga, Musitu & Murgui, 2009; Ruiz, López, Pérez & Ochoa, 2009), sendo o desejo de ter mais reputação entre os pares que proporciona o comportamento violento e não o facto de terem uma reputação alta. Assim como é descrito que muitas vezes os adolescentes não usam os professores ou os progenitores para apoiar as suas reputações desviantes mas sim os colegas (Emler, 1984).

Embora tenham sido encontrados estudos que associassem a vinculação e a reputação, separadamente, a comportamentos delinquentes, na revisão de literatura efetuada apenas foi encontrado um estudo que relacionasse a vinculação com a reputação, verificando-se que crianças com vinculação segura têm uma reputação social mais positiva do que as crianças com vinculação insegura (Ferreira, Santos & Veríssimo, 2010).

Deste modo, e tendo em conta tudo o que foi previamente discutido, o principal objetivo do presente estudo é analisar se existe uma relação entre a vinculação aos pais (pai e mãe separadamente) e aos amigos, a preocupação com a reputação aos professores e

amigos e a delinquência em adolescentes. Colocando-se as seguintes hipóteses de estudo:

Hipótese 1: Os adolescentes com mais comunicação e confiança com o grupo de amigos com comportamentos delinquentes e com menor comunicação e confiança aos pais e o inverso com a alienação apresentarão mais comportamentos delinquentes.

Hipótese 2: Os adolescentes com mais comunicação e confiança aos pais e com o grupo de amigos com comportamentos normativos e o inverso com a alienação apresentarão menos comportamentos delinquentes.

Hipótese 3: Os adolescentes com alta preocupação com a reputação relativamente ao grupo de amigos com comportamentos delinquentes vão apresentar mais comportamentos delinquentes.

Hipótese 4: Os adolescentes com uma alta preocupação com a reputação relativamente aos professores apresentarão menos comportamentos delinquentes do que os adolescentes com baixa preocupação com a reputação com os professores.

Método

1. Participantes

Para a realização da investigação, e utilizando a regra do polegar “*rules of thumb*” (Hill & Hill, 2002), entende-se que serão necessários 375 participantes de ambos os sexos com idades compreendidas entre os treze e os dezanove anos de idade e que se encontrem a frequentar entre o 7º e o 12º anos de escolaridade em escolas situadas na área da Grande Lisboa.

O tipo de amostragem é o não-probabilístico, porque cada elemento da população não tem a mesma probabilidade em fazer parte da amostra (D’Oliveira, 2002, 2005). Pode-se dizer que é uma amostragem de conveniência, pois serão selecionados indivíduos acessíveis e dispostos a participar neste estudo (D’Oliveira, 2002; Hill & Hill, 2002).

2. Delineamento

Este estudo é de metodologia quantitativa, com delineamento transversal, uma vez que irá ser realizado num só momento, sendo uma análise correlacional na medida em que

será analisada a relação entre as variáveis (D'Oliveira, 2005; Cone & Foster, 2006). Assim pretende-se averiguar se existe alguma relação entre as variáveis: vinculação, reputação e delinquência. É igualmente de carácter exploratório porque não foram encontrados estudos que relacionem a vinculação com a reputação (D'Oliveira, 2005).

3. Instrumentos

3.1. Questionário de caracterização sociodemográfico.

O questionário a utilizar na recolha de informação relativamente aos adolescentes, conterá questões relativas à *identificação do adolescente* (idade, sexo, nacionalidade e antecedentes criminógenos), à *situação escolar* (ano de escolaridade, aproveitamento escolar e relação com os professores e colegas) e ao *agregado familiar* (com quem vive o adolescente, pessoa da família com quem se dá melhor, situação conjugal dos pais e antecedentes familiares criminógenos). Este questionário é composto por questões de resposta sim/não, questões de resposta aberta, que permitem obter informações complementares da análise e interpretação dos resultados, e ainda questões com escalas de respostas de 5 pontos em que 1 corresponde a uma resposta mais favorável e 5 corresponde a uma resposta menos favorável.

Variáveis independentes

3.2. Inventário da vinculação na adolescência – I.P.P.A.

É uma versão Portuguesa adaptada do *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA) desenvolvido por Armsden e Greenberg em 1987 e adaptado para a população portuguesa em 1999 por Neves, Soares e Silva.

Baseado na teoria de Bowlby, este inventário têm como finalidade avaliar a qualidade da vinculação do adolescente à mãe, ao pai e aos amigos. Nomeadamente estudar os comportamentos, cognições e estados emocionais que dizem respeito à confiança, compreensão e respeito mútuo, à acessibilidade e responsividade das figuras de vinculação, bem como, estudar os estados emocionais como a raiva, a irritação e o ressentimento direcionado a essas mesmas figuras e ainda, a desvinculação ou o isolamento na relação (Neves, Soares & Silva, 1999; Armsden & Greenberg, 1987). Em suma, é uma escala que têm como principal objetivo avaliar as dimensões

comportamentais, cognitivas e afetivas das relações atuais de vinculação do adolescente (Armsden & Greenberg, 1987; Neves, Soares & Silva, 1999; Geada, 1990, 1997; Machado & Oliveira, 2007; Geraldles, Soares & Martins, 2013).

Assim sendo, trata-se de um instrumento de autoavaliação organizado em três seções constituídas por 25 itens cada (total de 75 itens), correspondentes à vinculação do adolescente com a figura materna, figura paterna e com os amigos (“amigos íntimos”, Neves, Soares & Silva, 1999; Geada, 1990, 1997). Para além das escalas referidas anteriormente, as análises fatoriais realizadas por Neves, Soares e Silva (1999), à semelhança dos instrumentos originais, levaram à distinção de três subescalas que avaliam as dimensões “Confiança” – que envolve temas de compreensão parental, respeito e confiança mútua (e.g. item1. “*Considero que a minha mãe é uma boa mãe*”) –, “Comunicação” – que corresponde à extensão e qualidade da comunicação verbal (e.g. item6. “*Acho inútil demonstrar os meus sentimentos ao meu pai*”) – e “Alienação” – onde estão expressos os sentimentos de alienação e isolamento (e.g. item9. “*Frequentemente, sinto uma grande necessidade de estar com os meus amigos*”) (Neves, Soares & Silva, 1999; Machado & Oliveira, 2007; Oliveira, Carmo, Cruz & Brás, 2012). Embora as três escalas sejam constituídas pelas mesmas dimensões, os itens que as compõem não são sempre os mesmos, isto é, os itens relativos aos pais (mãe e pai) e aos amigos são formulados de forma semelhante, exceto os itens com um conteúdo familiar. A classificação dos itens é feita através de uma escala de tipo *Likert* de cinco pontos, em que: 1 = Nunca ou Quase Nunca, 2 = Poucas Vezes, 3 = Bastantes Vezes, 4 = Muitas Vezes e 5 = Sempre ou Quase Sempre (Neves, Soares & Silva, 1999). O cálculo das três dimensões supracitadas é realizado através da soma dos resultados obtidos em cada item, de acordo com aqueles que são de ordem direta e inversa respetivamente. O resultado total de cada escala (vinculação à mãe, pai e amigos) é obtido através da soma das respetivas subescalas “Confiança” e “Comunicação” e a subtração do total da escala “Alienação” (Armsden & Greenberg, 1987). De acordo com os autores originais da escala, o resultado que é obtido em cada subescala revela aquilo que o adolescente percebe acerca da segurança emocional das relações de vinculação que estabelece com os pais e os pares. Assim, os resultados acima da mediana traduzem a perceção de uma vinculação segura, onde predominam a compreensão, disponibilidade e responsividade por parte das figuras associadas a este tipo de relação e contrariamente, os resultados abaixo da mediana revelam uma relação de vinculação marcada pela insegurança, da qual fizeram parte

figuras de vinculação que falharam ao nível da responsividade, conduzindo o adolescente a experiências negativas e de desânimo (Neves, Soares & Silva, 1999; Armsden & Greenberg, 1987). Os coeficientes de *alpha* de Cronbach relativos às escalas da mãe, do pai e dos amigos foram elevados, 0,92, 0,95 e 0,93, respetivamente. Estes valores indicam assim uma boa consistência interna nas três escalas (Neves, Soares & Silva, 1999; Oliveira, Carmo, Cruz & Brás, 2012).

3.3. Escala da preocupação com a reputação.

A Escala da Preocupação com a Reputação desenvolvida por De Cremer e Tyler em 2005, tem como objetivo medir a preocupação que cada pessoa tem relativamente à forma como os outros a percebem e a avaliam (De Cremer & Sedikides, 2008).

Apesar da escala original ser constituída por sete itens: “Eu quero ter uma boa reputação”; “Para mim é importante que as outras pessoas não brinquem com a minha reputação”, neste estudo esses itens serão adaptados de forma a avaliar a preocupação que os adolescentes têm junto dos seus professores e amigos, e.g. item1. “*Eu quero ter uma boa reputação junto dos meus professores*” ou item4. “*Eu não ligo ao que os meus amigos dizem de mim*”, resultando assim em duas escalas com sete itens cada, sete relativamente aos professores e sete relativos aos amigos. Estes itens são classificados através de uma escala de cinco pontos (1 = Discordo Totalmente a 5 = Concordo Totalmente), sendo o score calculado através da média obtida em cada escala (professores e amigos). Assim, os sujeitos são classificados como tendo uma alta vs. baixa preocupação com a reputação de acordo com a pontuação registada, ou seja, as pontuações registadas como mais altas indicam uma elevada preocupação com a reputação e as mais baixas uma baixa preocupação (De Cremer & Tyler, 2005; De Cremer & Sedikides, 2008).

Variáveis dependentes

3.4. Escala da variedade da delinquência.

Escala originalmente desenvolvida e adaptada por Sanches, Gouveia-Pereira, Marôco, Gomes e Roncon (2014, submetido) pretende medir a diversidade de comportamentos desviantes cometidos durante um determinado período de tempo, e não a frequência com que esses comportamentos ocorreram.

É composta por dezanove itens ou tipos de comportamentos desviantes de diferente gravidade como, por exemplo, *comportamentos aditivos* (e.g. item8. “*Consumiste haxixe ou marijuana?*”), *comportamentos relativos a furtos* (e.g. item19. “*Assaltaste um carro, uma casa, loja, escola ou outro edifício?*”), entre outros. Estes itens são avaliados através de um estilo de resposta de dois pontos, em que 0 corresponde a “*Não*” e 1 corresponde a “*Sim*”, sendo que cada participante deve responder se participou ou não em cada um deste tipo de comportamento desviante no último ano. A operacionalização da escala é calculada pela soma dos itens, i.e., do número de diferentes comportamentos cometidos, obtendo um valor global que pode variar entre 0 (i.e. não praticou qualquer dos comportamentos apresentados neste questionário durante o último ano) e 19 (i.e. praticou, no último ano, todos os comportamentos apresentados na escala).

4. Procedimento

Para a realização do estudo, e por se tratar de uma recolha de dados em contextos escolar, será enviado um pedido de consentimento informado para a autoridade competente, a Direção-Geral de Educação, onde será submetido este projeto através da plataforma de Monitorização de Inquéritos em Meio Escolar. Com a autorização prévia desta autoridade competente, entrar-se-á em contacto com os responsáveis pertencentes a cada estabelecimento de ensino, pedindo uma vez mais autorização para a realização do estudo (Anexo A) e onde deverão ser esclarecidos os objetivos do mesmo e a sua metodologia. Ao ser aceite a realização do estudo por ambas as entidades (Direção-Geral de Educação e Estabelecimentos de Ensino), é pedido aos responsáveis de cada estabelecimento de ensino, para autorizarem a aplicação das escalas a adolescentes do sexo masculino e do sexo feminino com idades compreendidas entre treze e os dezanove anos de idade e a frequentar os anos de escolaridade entre o 7º e o 12º. Seguidamente serão pedidas autorizações aos encarregados de educação (Anexo B). Dada a disponibilidade dos adolescentes e verificada a autorização dos pais ou encarregados de educação, dar-se-á início à recolha de dados, no dia proposto por cada estabelecimento de ensino. A recolha de dados será realizada, no contexto de sala de aula. Assim sendo, a recolha de dados deverá ser realizada da seguinte forma: antes de distribuir os questionários por cada adolescente, o investigador deverá fazer uma breve apresentação onde é explicado aos participantes o porquê de se encontrar ali, esclarecendo todas as dúvidas. O investigador deverá referir que as respostas são anónimas e confidenciais, por outro lado deve ser

referido que não existem respostas certas ou erradas, sendo importante que os participantes leiam as questões com atenção e que caso existam algumas dúvidas não hesitem logo em perguntar, sendo importante também referir que se trata de uma participação voluntária, podendo o participante desistir a qualquer momento, sem que haja qualquer penalização. Depois de fornecidas todas as instruções para a realização da tarefa e de serem esclarecidas todas as dúvidas, o investigador deverá entregar os questionários aos participantes e dar início à tarefa.

Análise Estatística e Resultados Esperados

Após a recolha de dados realizar-se-á o tratamento dos mesmos. No programa estatístico *SPSS - Statistical Package for Social Science* (versão 21.0, SPSS Inc, Chicago, IL) para *Windows*.

Será ainda calculado o score médio para cada escala e a consistência interna para cada uma das dimensões que as constituem.

O passo seguinte será testar as hipóteses formuladas neste estudo. Como tal serão efetuados testes de normalidade com a realização do teste Kolmogorov-Smirnov e se não se verificar distribuição normal neste teste, irar-se-á recorrer a análise de ajustamento à distribuição normal através dos coeficientes de achatamento e assimetria (Marôco, 2010; Martinez & Ferreira, 2007).

Posteriormente, todas as hipóteses serão testadas através do Método de *Stepwise*. De acordo com Marôco (2010), *Stepwise* é um dos métodos mais utilizados e consiste na combinação de dois métodos: *Forward* e *Backward*. Este inicia com uma variável (a que apresentar maior correlação com a variável resposta), e a cada passo do *Forward*, posteriormente a incluir uma variável, aplica o *Backward* para se verificar se será rejeitada ou não alguma variável. O processo mantém-se até este não incluir ou excluir nenhuma variável.

Posto isto, é esperado que todas as hipóteses se confirmem. Pretende-se, deste modo demonstrar que na primeira hipótese os adolescentes com mais comportamentos delinquentes diferem dos adolescentes com menos comportamentos delinquentes, considerando que ao terem maior comunicação e confiança com os amigos com

comportamentos delinquentes e menor comunicação e confiança com os pais irão demonstrar mais comportamentos delinquentes. Ao contrário adolescentes com menor comunicação e confiança com os amigos com comportamentos delinquentes e maior comunicação e confiança com os pais irão demonstrar menos comportamentos delinquentes. Isto porque de acordo com a literatura apresentada, os adolescentes ao afastarem-se das figuras parentais tendem aproximar-se dos amigos, tornando-se mais suscetíveis a apresentarem mais comportamentos delinquentes.

Na segunda hipótese é expectável que os adolescentes que apresentem maior comunicação e confiança com os pais e amigos normativos demonstrem menos comportamentos delinquentes. Ao contrário daqueles que apresentam maior comunicação e confiança aos pais e amigos normativos que apresentaram menos comportamentos delinquentes.

Relativamente à terceira e à quarta hipótese também é esperado que se confirmem, no sentido em que os adolescentes ao apresentarem mais comportamentos delinquentes irão apresentar uma alta preocupação com a reputação com os amigos com comportamentos delinquentes e uma baixa preocupação com a reputação com os professores, ao invés dos adolescentes que apresentem menos comportamentos delinquentes.

Discussão

A presente investigação teve como objetivo geral o estudo da delinquência face à relação com as figuras parentais e amigos e a relação de preocupação com a reputação com os professores e os amigos, numa população de adolescentes.

Como mencionado na literatura o período da adolescência é acompanhado por um emergir de desafios, traduzindo-se como um período de transição nas expectativas dos papéis familiares e também sociais (Oliveira & Costa, 2005).

A carência de laços afetivos e de uma vinculação firme à sociedade, nomeadamente com os progenitores e com o grupo de pares, poderá dotar o indivíduo de maior predisposição para a prática de crimes (Hirshi, 2002). Deste modo, quanto mais sólidos forem os laços que o indivíduo tem com a sociedade e quanto maior for a sua conformidade e consenso para com a sociedade, menos será a tendência para contrariar as normas sociais (Born, 2005) e portanto menor serão os comportamentos de delinquência.

Apesar do estudo não apresentar dados concretos, esperam-se confirmar as hipóteses deste estudo permitindo desta forma compreender a razão dos comportamentos delinquentes através dos vínculos estabelecidos entre os adolescentes e os seus progenitores e amigos, e através da preocupação com a reputação que os adolescentes demonstram perante os seus professores e amigos.

Concluo este projeto, referindo algumas limitações e também mais-valias. No que concerne às limitações neste estudo pode-se referir que é a falta de dados, o facto das escalas não terem sido aplicadas, devendo-se isso à ausência de respostas dos Estabelecimentos de Ensino contactados.

Como foi descrito anteriormente, existem imensos e diversificados estudos realizados na área da vinculação e na área da delinquência, contudo este trabalho procurou introduzir algo de novo, juntando a estas duas temáticas à área da reputação, i.e., a forma como uma pessoa é vista e percebida pelos outros (Joosten, Dijke, Hiel & De Cremer, 2014). Com isto, pode-se considerar este estudo como uma mais-valia, no sentido em que permite obter mais conhecimento na área da delinquência e como tal, na sua intervenção com adolescentes.

Tendo em conta o que foi referido ao longo do deste projeto, e visto que os instrumentos utilizados são de autoavaliação, seria interessante em investigações futuras analisar não só os adolescentes como os seus progenitores, professores e amigos, de modo a ser possível uma visão mais fidedigna da realidade criminal dos adolescentes.

Também seria interessante aplicar o estudo a jovens institucionalizados, que se encontrem a cumprir medidas tutelares educativas devido à prática de fatos qualificados pela lei como crime. Isto é, criar dois grupos de modo a comparar os resultados de ambos. Um grupo com adolescentes com comportamentos delinquentes que nunca tiveram contacto com a justiça e outro grupo com adolescentes com comportamentos delinquentes que já tiveram contacto com a justiça.

Assim, e de acordo com Kadin e Buéla-Casal (2001) os adolescentes que manifestam uma conduta antissocial na infância têm grande probabilidade de desenvolver um comportamento criminal na idade adulta, por isso seria importante atuar o mais cedo

possível, em idades mais precoces, de modo a “prevenir” a delinquência e os seus comportamentos.

Como afirma Negreiros (2001), a delinquência é um fenómeno de grande problematização social contra o qual se deve intervir de maneira a precaver os seus efeitos mais nefastos.

Referências

- Ainsworth, M. (1989). Attachments beyond infancy. *American Psychologist*, 44 (4), 709-716.
- Ainsworth, M. D. (1979). Infant-mother attachment. *American Psychologist*, 34(10), 932-937.
- Ainsworth, M. D. S. (1967). *Infancy in Uganda: Infant care and the growth of love*. Baltimore: Johns Hopkins University Press.
- Ainsworth, M. D. S., & Bell, S. M. (1970). Attachment, exploration, and separation: illustrated by the behavior of one-year-olds in a strange situation. *Child Development*, 41, 49-67.
- Allen, J., Moore, C., Kuperminc, G., & Bell, K. (1998). Attachment and adolescent psychosocial functioning. *Child Development*, 69(5), 1406-1419.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: individual differences and their relationship to psychological well-being in adolescence. *Journal of Youth and Adolescence*, 16 (5), 427-454.
- Associação Internacional para a Saúde dos Adolescentes (2011). Consultado em 20 de Dezembro de 2013 através de http://www.iaah.org/index.php?option=com_content&view=article&id=59:join&catid=38:general-article
- Badaly, D., Schwartz, D., & Gorman, A. (2012). Social status, perceived social reputations, and perceiver dyadic relationships in early adolescence. *Social Development*, 21(3), 482-500.
- Bastos, A. P. (2011). *Afetividade na adolescência: sexualidade e educação para os valores*. Lisboa: Paulinas.
- Becker, H. S. (1966). *Outsiders: Studies in the sociology of deviance*. New York: The Free Press.

- Benavente, R. (2002). Delinquência juvenil: da disfunção social à psicopatologia. *Análise Psicológica*, 4 (10), 637-645.
- Blanc, L. M. (2003). Trajectórias de delinquência comum, transitória e persistente: uma estratégia de prevenção diferencial. In I. Alberto, A. C. Fonseca, C. P. Albuquerque, A. G. Ferreira, & J. Rebelo (Eds.), *Comportamento Anti-Social: Escola e Família* (pp. 31-82). Coimbra: Centro de Psicopedagogia da Universidade de Coimbra.
- Bordin, I., & Offord, D. (2000). Transtorno da conduta e comportamento anti-social. *Revista Brasileira Psiquiatria*, 22 (2), 12-15.
- Born, M. (1983). *Jeunes déviants ou délinquants juvéniles?*. Bruxelles: Pierre Mardagar.
- Born, M. (2005). *Psicologia da Delinquência*. Lisboa: Climepsi.
- Bowlby, J. & Ainsworth, M. D. S. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, 46(4), 333-341.
- Bowlby, J. (1971). *Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London: Routledge.
- Bowlby, J. (1981). *Cuidados Maternos e Saúde Mental*. São Paulo: Martins Fontes Editora.
- Bowlby, J. (1982). *Attachment and Loss: Vol. 1. Attachment* (2nd Rev. Ed.). New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1984). *Apego e perda: Vol 1. Apego*. (1º Ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969)
- Bowlby, J. (1988). Development psychiatry comes age. *American Journal of Psychiatry*, 145(1), 1-10.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e perda: Vol 1. Apego*. (2º Ed.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1969)

- Bowlby, J. (2003). *The making and breaking of affectional bonds*. New York: Brunner-Routledge. (Obra original publicada em 1979)
- Bretherton, I. (1992). The origins of attachment theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Developmental Psychology*, 28(5), 759-775.
- Bretherton, I., & Munholland, K. (1999). Internal working models in attachment relationships. In J. Cassidy, & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment* (pp. 89-111). New York: Guilford Press.
- Brezina, T., & Piquero, A. (2007) Moral beliefs, isolation from peers, and abstention from delinquency. *Deviant Behavior*, 28(5), 433-465.
- Brownfield, D., & Thompson, K. (1991). Attachment to peers and delinquent behaviour. *Canadian Journal of Criminology*, 33, 45-60.
- Buelga, S., Musitu, G., & Murgui, S. (2009). Relaciones entre la reputación social y la agresión relacional en la adolescencia. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 9(1), 127-141.
- Buist, K., Dekovic, M., Meeus, W., & Aken, M. (2004). The reciprocal relationship between early adolescent attachment and internalizing and externalizing problem behavior. *Journal of Adolescence*, 27(3), 251-266.
- Cajado, O. M. (1968). *Dinâmica da adolescência: aspetos biológicos, culturais e psicológicos*. São Paulo: Cultrix.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4(31), 393-406.
- Carroll, A., Houghton, S., Hattie, J., & Durkin, K. (2004.). Comportamento anti-social nos jovens: o modelo dos objectivos de aumento da reputação. In A. C. Fonseca (Eds.), *Comportamento anti-social e crime: da infância á idade adulta* (pp. 215-250). Coimbra: Almedina.
- Carvalho, A. F. N. (2011). *Análise dos fatores que levam os jovens a delinquir*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Jurídica, Universidade Fernando Pessoa, Porto.

- Casoni, D., & Brunet, L. (2003). *La Psychocriminologie*. Montréal: PUM.
- Cassidy, J. (1999). Nature of the child's ties. In J. Cassidy & P. Shaver (Eds.), *Handbook of attachment: theory, research, and clinical applications* (pp. 3-20). New York: Guildford Press.
- Claes, M., Lacourse, E., Ercolani, A., Pierro, A., Leone, L., & Presaghi, F. (2005). Parenting, peer orientation, drug use and antisocial behaviour in late adolescence: a cross-national study. *Journal of Youth and Adolescence*, 34(5), 401-411.
- Claes, M., Lacourse, E., Ercolani, A., Pierro, A., Leone, L., & Presaghi, F. (2005). Parenting, Peer Orientation, Drug Use, and Antisocial Behavior in Late Adolescence: A Cross-National Study. *Journal of Youth and Adolescence*, 34(5), 401-411.
- Clark, R., & Shields, G. (1997). Family communication and delinquency. *Adolescence*, 32(125), 81-91.
- Cone, J. D., & Foster, S. L. (2006). *Dissertations and Theses From Start to Finish: Psychology and Related Fields (2nd ed.)*. Washington: American Psychological Association.
- Cooper, M., Shaver, P., & Collins, N. (1998). Attachment styles, emotion regulation, and adjustment in adolescence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 74(5), 1380-1397.
- Correia, J., Santos, A., Freitas, M., Rosado, A., & Rubin, K. (2014). Análise fatorial confirmatória do extended class play numa amostra portuguesa de jovens adolescentes. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 27(3), 462-471.
- Costa, M. E. (1989). Desenvolvimento da identidade. In B. P. Campos (Coord.), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens* (Vol. 2, pp. 251-286). Lisboa: Universidade Aberta.
- Cusson, M. (2007). *Criminologia* (2º ed.). Cruz Quebrada: Casa das Letras.

- D'Oliveira, T. (2002). *Teses e dissertações: recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos* (1º Ed.). Lisboa: Editora RH.
- D'Oliveira, T. (2005). *Teses e dissertações – recomendações para a elaboração e estruturação de trabalhos científicos* (2ª ed.). Lisboa: Editora RH.
- De Cremer, D., & Bakker, M. (2003). Accountability and cooperation in social dilemmas: the influence of other's reputational concerns. *Current Psychology: Developmental, Learning, Personality, Social*, 22(2), 155-163.
- De Cremer, D., & Sedikides, C. (2008). Reputational implications of procedural fairness for personal and relational self-esteem. *Basic and Applied Social Psychology*, 30, 66-75.
- De Cremer, D., & Tyler, T. R. (2005). Am i respected or not?: Inclusion and reputation as issues in group membership. *Social Justice Research*, 18 (2), 121-154.
- Diatkine, R. (1980). Tornar-se adolescente, permanecer adolescente. In. A. Alléon et al. (Ed.) *A interminável adolescência* (pp.61-72). Porto: Rés.
- Direção-Geral de Saúde (2005). *Programa Nacional de Saúde dos Jovens*. Consultado em 20 de Dezembro de 2013 através de <http://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/programa-nacional-de-saude-dos-jovens.aspx>
- Elgar, F., Knight, J., Worrall, G., & Sherman, G. (2003). Attachment characteristics and behavioural problems in rural and urban juvenile delinquents. *Child Psychiatry and Human Development*, 34(1), 35-48.
- Emler, N. (1984). Differential involvement in delinquency: toward an interpretation in terms of reputation management. In B. A. Maher & W. B. Maher (Eds.), *Progress in Experimental Personality Research* (Vol. 13, pp. 173-237). New York: Academic Press.
- Emler, N. (1990). Social psychology of reputation. In W. Stroebe & M. Hewstone (Eds.), *European Review of Social Psychology* (Vol. 1, pp. 171-193). Chichester: Wiley.
- Emler, N., & Reicher, S. (1995). *Adolescence and delinquency*. Oxford: Blackwell.

- Ferreira, R., Santos, A., & Veríssimo, M. (2010). Qualidade da vinculação e reputação em crianças de idade escolar. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. Braga: Universidade do Minho.
- Fonseca, C., & Borja, M. (2010). Perturbação de personalidade anti-social: enquadramento jurídico-legal. *Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos*. Consultado em 3 de Julho de 2014 através de <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0244.pdf>
- Formiga, N. (2005). Comprovando a hipótese do compromisso convencional: influência dos pares socio-normativos sobre as condutas desviantes em jovens. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 25 (4), 601-613.
- Formiga, N., Aguiar, M., & Omar, A. (2008). Busca de sensação e condutas anti-sociais e delitivas em jovens. *Psicologia, Ciência e Profissão*, 28 (4), 668-681.
- Frechette, M. (1987). *Delinquances et delinquants*. Quebec: Gaetan Morin.
- Gammer, C., & Cabié, M. (1999). *Adolescência e Crise Familiar*. Lisboa: Climepsi.
- Gao, Y., Yu, Y., & Ng, T. (2013). A study on the moderating effect of family functioning on the relationship between deviant peer affiliation and delinquency among chinese adolescents. *Advances in Applied Sociology*, 3(3), 178-185.
- Geadá, M. (1990). Padrões de vinculação afectiva e níveis de desenvolvimento do auto-conhecimento em toxicodependentes e não-toxicodependentes. *Jornal de Psicologia*, 9(4/5), 14-18.
- Geadá, M. (1997). Experiências de vinculação afectiva aos pais e companheiros e aptidões de "coping" em heroíno-dependentes e num grupo de controlo. *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2(2), 251-258.
- Geraldes, R., Soares, I., & Martins, C. (2013). Vinculação no contexto familiar. Relações entre cônjuges, entre pais e filhos adolescentes e entre irmãos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(4), 799-808.
- Gouveia-Pereira, M. (2008). *Percepções de justiça na adolescência: a escola e a legitimação das autoridades institucionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Guedeney, N., & Guedeney, A. (2004). Vinculação: conceitos e aplicações (1º Ed.) Lisboa: Climepsi Editores. (Obra original publicada em 2002)
- Hazan, C., & Shaver, P. R. (1994). Attachment as an organizational framework for research on close relationships. *Psychological Inquiry*, 5(1), 1-22.
- Hill, M. M., & Hill, A. (2002). *Investigação por questionário* (2º ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Hirschi, T. (2002). *Causes of delinquency*. New Brunswick: Transaction Publishers.
- Johnson, R. (1979). *Juvenile delinquency and its origins: an integrated theoretical approach*. New York: Cambridge University Press.
- Jongenelen, I., Soares, I., Grossmann, K., & Martins, C. (2006). Vinculação em mães adolescentes e seus bebês. *Psicologia*, 20(1), 11-36.
- Joosten, A., Dijke, M., Hiel, A., & De Cremer, D. (2014). Feel good, do-good!? On consistency and compensation in moral self-regulation. *J Bus Ethics*, 123, 71-84.
- Kazdin, A. E., & Buela-Casal, G. (2001). *Conduta anti-social: avaliação, tratamento e prevenção na infância e na adolescência*. Amadora: McGraw-Hill.
- Lisboa, S. (2011). Autoridade, reputação e credibilidade: definição e relações entre os conceitos em pesquisas sobre blogs. *Revista Eletrónica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero*, 1(3), 1-11.
- Loureiro, S. A. G. (2004). *Identidade étnica em re-construção: a ressignificação da identidade étnica de adolescentes negros em dinâmica de grupo na perspectiva existencial humanista*. Belo Horizonte: O Lutador.
- Luzes, C. (2010). Um olhar psicológico sobre a delinquência. *Psicologia.pt - O Portal dos Psicólogos*. Consultado em 3 de Julho de 2014 através de http://www.psicologia.com.pt/artigos/ver_artigo.php?codigo=A0520

- Machado, T. (2004). Vinculação e comportamentos anti-sociais. In A. C. Fonseca (Eds.), *Comportamento anti-social e crime: da infância à idade adulta* (pp. 290-321). Coimbra: Almedina.
- Machado, T. (2007). Padrões de vinculação aos pais em adolescents e jovens adultos e adaptação à universidade. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 41(2), 5-28.
- Machado, T., & Oliveira, M. (2007). Vinculação aos pais em adolescentes portugueses: o estudo de Coimbra. *Psicologia e Educação*, 6(1), 97-115.
- Main, M., & Solomon, J. (1990). Procedures for classifying infants as disorganized/disoriented during the Ainsworth Strange Situation? In M. Greenberg, D. Cicchetti, & E. Cummings (Eds.), *Attachment in the preschool years* (pp. 121-160). Chicago: Chicago University Press.
- Marcelli, D., & Braconnier, A. (2005). A adolescência e a psicopatologia. Manuais Universitários. Lisboa: Climepsi.
- Marcus, R., & Betzer, P. (1996). Attachment and antisocial behaviour in early adolescence. *Journal of Early Adolescence*, 16(2), 229-248.
- Marôco, J. (2010). *Análise estatística: com o PASW Statistics (ex-SPSS)*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.
- Martinez, L. F., & Ferreira, A. I. (2007). *Análise de dados com SPSS – Primeiros passos*. Lisboa: Escolar Editora.
- Matherne, M. M., & Thomas, A. (2001). Family environment as a predictor of adolescent delinquency. *Adolescence*, 36(144), 655-664.
- McElhaney, K., Immele, A., Smith, F., & Allen, J. (2006). Attachment organization as a moderator of the link between friendship quality and adolescent delinquency. *Attachment & Human Development*, 8(1), 33-46.
- Mikulincer, M. & Shaver, P. R. (2007). *Attachment in adulthood: Structure, dynamics, and change*. New York: Guilford.

- Minnis, H., Green, J., O'Connor, T. G., Liew, A., Glaser, D., Taylor, E., Follan, M., Young, D., Barnes, J., Gillberg, C., Pelosi, A., Arthur, J., Burston, A., Connolly, B., & Sadiq, F. A. (2009). An exploratory study of the association between reactive attachment disorder and attachment narratives in early school-age children. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 50(8), 931-942.
- Moffitt, T. (1993). Adolescence-limited and life-course-persistent antisocial behavior: a developmental taxonomy. *Psychological Review*, 100(4), 674-701.
- Moffitt, T. (2006). Life-course-persistent versus adolescence-limited antisocial behavior. In D. Cicchetti, D. Cohen (Eds.), *Developmental psychopathology: Risk, disorder and adaptation* (pp. 570-598). Hoboken: John Wiley & Sons.
- Moffitt, T., & Caspi, A. (2000). Comportamento anti-social persistente ao longo da vida e comportamento anti-social limitado à adolescência: seus preditores e suas etiologias. *Revista Portuguesa da Pedagogia*, 134 (1,2 e 3), 65-106.
- Negreiros, J. (2001). *Delinquências Juvenis: trajetórias, intervenções e prevenção* (2ªed.). Lisboa: Notícias.
- Neves, L., Soares, I., & Silva, M. (1999). Inventário da vinculação na adolescência – I.P.P.A.. In M. R. Simões, M. M. Gonçalves & L. S. Almeida (Ed.), *Testes e provas psicológicas em Portugal* (Vol. II, pp. 37-48). Braga: Sistemas Humanos e Organizacionais.
- Oliveira, D., Carmo, C., Cruz, J., & Brás, M. (2012). Perfeccionismo e representação vinculativa em jovens adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 514-522.
- Oliveira, J., & Costa, M. (2005). Estilos de vinculação e percepções de satisfação com os papéis parental e conjugal em tríades de famílias intactas. *Psicologia*, 18(2), 57-74.
- Organização Mundial de Saúde (s.d.). *Santé de la mère, du nouveau-né, de l'enfant et de l'adolescent - Développement des adolescents*. Consultado em 20 de Dezembro de 2013 através de http://www.who.int/maternal_child_adolescent/topics/adolescence/dev/fr/index.htm

- Paíga, H. (2012). *Comportamento antissocial e abandono escolar: da relação à prevenção* (Monografia de Licenciatura em Criminologia). Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Palmonari, A., Carugati, F., Bitti, P. E. R., & Sarchielli, G. (1984). Imperfect Identities: a socio-psychological perspective for the study of the problems of adolescence. In H. Tajfel (Ed.) *European Studies in Social Psychology -the social dimension* (pp. 111-132). London: Cambridge University Press.
- Pasquali, L., Pinheiro, A., & Lima, V. (s.d.). Delinquência: etiologia - desenvolvimento de um modelo explicativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3 (2), 151-165.
- Pinhel, J., Torres, N., & Maia, J. (2009). Crianças institucionadas e crianças em meio familiar de vida: representações de vinculação e problemas de comportamento associado. *Análise Psicológica*, 4(27), 509-521.
- Ruiz, D., López, E., Pérez, S., & Ochoa, G. (2009). Reputación social y violencia relacional en adolescentes: el rol de la soledad, la autoestima y la satisfacción vital. *Psicothema*, 21(4), 537-542.
- Salazar-Estrada, J. G, Torres-López, T. M., Reynaldos-Quinteros, C., Figueroa-Villaseñor, N. S., & Araiza-González, A. (2011). Factores asociados a la delincuencia en adolescentes de Guadalajara, Jalisco. *Papeles de Población*, 17 (68), 103-126.
- Sampaio, D. (1994). *Vozes e Ruídos: Diálogos com Adolescentes* (4ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Sampaio, D. (2006). *Lavrar o Mar: um novo olhar sobre o relacionamento entre pais e filhos*. Lisboa: Caminho.
- Sanches, C., & Gouveia-Pereira, M. (2010). Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência. *Análise Psicológica*, 1 (28), 71-84.
- Sanches, C., Gouveia-Pereira, M., & Carugati, F. (2011). Justice judgements, school failure, and adolescent deviant behaviour. *British Journal of Educational Psychology*, 82(4), 606–621.

- Sanches, C., Gouveia-Pereira, M., Marôco, J., Gomes, H., & Roncon, F. (2014, submetido). Delinquency Variety Scale. *Development Validation with a sample of Portuguese adolescents*.
- Simões, C. (2000). Adolescência, saúde e comportamento desviante. In M. G. Matos, C. Simões, & S. F. Carvalhosa (Eds.), *Desenvolvimento de competências de vida na prevenção do desajustamento social* (pp. 109-120). Lisboa: Instituto de Reinserção Social – Ministério da Justiça.
- Sprinthall, N. A., & Collins, W. A. (2003). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista* (3º ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Tradução do original em Inglês Adolescent psychology: a developmental view. New York: McGraw-Hill, 1988).
- Tracy, R. L., & Ainsworth, M. D. S. (1981). Maternal Affectionate Behavior and Infant-Mother Attachment Patterns. *Child Development*, 52(4), 1341-1343.
- Vitaro, F., Brendgen, M., & Trembley, R. (2000). Influence of deviant friends on delinquency: searching for moderator variables. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 28(4), 313-325.
- Walker, K. (2010). A systematic review of the corporate reputation literature: definition, measurement, and theory. *Macmillan Publishers Ltd.*, 12(4), 357-387.

Anexos

Anexo A: Pedido de Autorização para os Estabelecimentos de Ensino



Exmo(a). Sr(a).

Diretor(a) do Agrupamento de Escolas _____,

Sou aluna do 2º ano do Mestrado em Psicocriminologia, do ISPA – Instituto Universitário, Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida e como aluna finalista estou a realizar a Dissertação de Mestrado sob a orientação da Prof(a). Dra. Maria Gouveia-Pereira e, assim sendo, venho por este meio solicitar a colaboração do Agrupamento de Escolas _____, no sentido de autorizar a recolha de dados na Escola _____ em Lisboa, em adolescentes que se encontrem numa faixa etária entre os 13 e os 19 anos de idade para efetuar um estudo de investigação subordinado ao tema “Vinculação, reputação e delinquência, qual a relação?: Um estudo com adolescentes”.

O procedimento da recolha dos dados consiste no preenchimento voluntário de questionários, de preferência individual, a realizar na Escola, de modo a explorar a forma como a vinculação tem vindo a relacionar-se com a adoção de comportamentos delinquentes e com o modo como os adolescentes se preocupam com a sua reputação perante os professores e os amigos. Obviamente, trata-se de um processo relativamente rápido e totalmente confidencial, que em nada prejudicará o normal funcionamento da Escola.

Sem mais assunto, coloco-me à sua inteira disposição para qualquer outro esclarecimento ou para uma eventual reunião onde possamos discutir em profundidade os pormenores desta colaboração.

Atenciosamente,

Tânia Sofia Sanches

taniasanches@hotmail.com

Anexo B: Pedido de Autorização dos Encarregados de Educação.



Exmo.(a). Senhor(a) Encarregado(a) de Educação,

No âmbito da realização de um Mestrado em Psicocriminologia, sob a orientação da Prof^a. Doutora Maria Gouveia-Pereira, do *ISPA – Instituto Universitário*, a aluna Tânia Sanches está a levar a cabo um estudo sobre a vinculação, a preocupação com a reputação e os comportamentos desviantes na adolescência.

Para tal, foi solicitada a colaboração do Estabelecimento de Ensino _____ em Lisboa, no sentido dos alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 19 anos de idade a preencherem um questionário. O questionário é anónimo e confidencial e ocorrerá uma única vez, no início/final de uma aula, tendo uma duração aproximada de 25 minutos.

Vimos assim pedir-lhe autorização para que o seu/sua educando(a) participe neste estudo. Nesse sentido, solicitamos que destaque este documento pelo tracejado e o devolva ao/a Diretor(a) de Turma, depois de preenchido e assinado.

Com os meus melhores cumprimentos,

A investigadora,

Tânia Sanches

<input type="checkbox"/>	Autorizo
<input type="checkbox"/>	Não autorizo

que o/a meu/minha educando/a (nome) _____ participe no estudo sobre a vinculação, a preocupação com a reputação e os comportamentos desviantes na adolescência, que será realizado no Estabelecimento de Ensino _____ em Lisboa.

Assinatura do Encarregado de Educação:

Anexo C: Questionário a Preencher pelos Participantes.



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Olá!

Somos do ISPA - Instituto Universitário.

Estamos a desenvolver um estudo e gostávamos de contar com a tua ajuda.

Neste estudo estamos interessados em conhecer a forma como os jovens da tua idade se relacionam com os pais, amigos e professores, que preocupação têm com a reputação e que comportamentos podem ter.

Não existem respostas certas ou erradas, queremos apenas saber a tua opinião. É importante que leias tudo com atenção e se tiveres dúvidas não hesites em perguntar.

O questionário é **ANÓNIMO** e **CONFIDENCIAL** e os dados só serão utilizados neste estudo. O preenchimento demora cerca de 25 minutos.

Antes de começares, gostaríamos de saber um pouco mais sobre ti:

Idade: _____ anos. Sexo: Masculino Feminino

Nacionalidade (onde nasceste?): _____

Ano de escolaridade: _____ ano.

Já alguma vez chumbaste de ano? Sim Não
Se sim, quantas vezes? _____ vezes. Em que anos? _____

Como é que é a tua relação com os colegas?
Muito Boa Boa Razoável Má Muito Má

Como é que é a tua relação com os professores?
Muito Boa Boa Razoável Má Muito Má

Com quem vives? (assinala todas as pessoas com quem vives)
Mãe/Madrasta Pai/Padrasto Irmãos Avós
Tios/Padrinhos Jovens do Lar Outros (quais?): _____

Das pessoas com quem vives, com qual te dás melhor? _____

Os teus pais vivem: Juntos Separados Outros: _____

Alguém da tua família foi preso por alguma coisa que tenha feito?
Sim Não Se sim, quem? _____

Já alguma vez foste detido ou tiveste algum problema com a polícia?
Sim Não Se sim, porquê? _____

Podes virar a folha e começar ☺

A seguir vais ver uma lista com várias afirmações. Lê com atenção e coloca um X no quadrado que melhor descreve a forma como te sentes em relação à tua MÃE. Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, responde de acordo com o que geralmente sentes.

		<i>Nunca ou quase nunca</i>	<i>Poucas vezes</i>	<i>Bastantes vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Sempre ou quase sempre</i>
1.	A minha mãe respeita os meus sentimentos.					
2.	Considero que a minha mãe é uma boa mãe.					
3.	Gostava de ter uma mãe diferente da que tenho.					
4.	A minha mãe aceita-me tal como sou.					
5.	Gostava de ter uma opinião da minha mãe em assuntos que me preocupam.					
6.	Acho inútil demonstrar os meus sentimentos à minha mãe.					
7.	A minha mãe apercebe-se quando estou preocupado(a) com alguma coisa.					
8.	Falar com a minha mãe acerca dos meus problemas faz-me sentir envergonhado(a) ou ridículo(a).					
9.	A minha mãe espera demasiado de mim.					
10.	Aborreço-me facilmente com a minha mãe.					
11.	Aborreço-me mais frequentemente do que a minha mãe pensa.					
12.	Quando discutimos algum assunto, a minha mãe considera o meu ponto de vista.					
13.	A minha mãe confia na minha opinião.					
14.	A minha mãe tem os seus próprios problemas, por isso, não a quero incomodar com os meus.					
15.	A minha mãe ajuda-me a eu compreender-me.					
16.	Falo à minha mãe acerca dos meus problemas e dificuldades.					
17.	Sinto-me zangado(a) com a minha mãe.					
18.	A minha mãe não me dá muita atenção.					
19.	A minha mãe encoraja-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.					
20.	A minha mãe compreende-me.					
21.	Quando estou zangado(a) por alguma razão, a minha mãe tenta ser compreensiva.					
22.	Confio na minha mãe.					
23.	A minha mãe não compreende o que é a minha vida.					
24.	Posso contar com a minha mãe, quando preciso de desabafar.					
25.	Quando a minha mãe sabe que alguma coisa me preocupa, pergunta-me sempre acerca disso.					

Continua no verso, vira a página ⇨

A seguir vais ver uma lista com várias afirmações. Lê com atenção e coloca um X no quadrado que melhor descreve a forma como te sentes em relação ao teu PAI. Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, responde de acordo com o que geralmente sentes.

		<i>Nunca ou quase nunca</i>	<i>Poucas vezes</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Sempre ou quase sempre</i>
1.	O meu pai respeita os meus sentimentos.					
2.	Considero que o meu pai é um bom pai					
3.	Gostava de ter um pai diferente do que tenho.					
4.	O meu pai aceita-me tal como sou.					
5.	Gostava de ter a opinião do meu pai em assuntos que me preocupam.					
6.	Acho inútil demonstrar os meus sentimentos ao meu pai.					
7.	O meu pai apercebe-se quando estou preocupado(a) com alguma coisa.					
8.	Falar com o meu pai acerca dos meus problemas faz-me sentir envergonhado(a) ou ridículo(a).					
9.	O meu pai espera demasiado de mim.					
10.	Aborreço-me facilmente com o meu pai					
11.	Aborreço-me mais frequentemente do que o meu pai pensa.					
12.	Quando discutimos algum assunto, o meu pai considera o meu ponto de vista.					
13.	O meu pai confia na minha opinião.					
14.	O meu pai tem os seus próprios problemas, por isso, não o quero incomodar com os meus.					
15.	O meu pai ajuda-me a eu compreender-me melhor.					
16.	Falo ao meu pai acerca dos meus problemas e dificuldades.					
17.	Sinto-me zangado(a) com o meu pai.					
18.	O meu pai não me dá muita atenção.					
19.	O meu pai encoraja-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.					
20.	O meu pai compreende-me.					
21.	Quando estou zangado(a) por alguma razão, o meu pai tenta ser compreensivo.					
22.	Confio no meu pai					
23.	O meu pai não compreende o que é a minha vida.					
24.	Posso contar com o meu pai, quando preciso de desabafar.					
25.	Quando o meu pai sabe que alguma coisa me preocupa, pergunta-me sempre acerca disso.					

A seguir vais ver uma lista com várias afirmações. Lê com atenção e coloca um X no quadrado que melhor descreve a forma como te sentes em relação aos teus AMIGOS. Lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas, responde de acordo com o que geralmente sentes.

		<i>Nunca ou quase nunca</i>	<i>Poucas vezes</i>	<i>Bastantes vezes</i>	<i>Muitas vezes</i>	<i>Sempre ou quase sempre</i>
1.	Os meus amigos respeitam os meus sentimentos.					
2.	Considero que os meus amigos são bons amigos.					
3.	Gostava de ter amigos diferentes dos que tenho.					
4.	Os meus amigos aceitam-me tal como sou.					
5.	Gostava de ter a opinião dos meus amigos em assuntos que me preocupam.					
6.	Acho inútil demonstrar os meus sentimentos aos meus amigos.					
7.	Os meus amigos apercebem-se quando estou preocupado(a) com alguma coisa.					
8.	Falar com os meus amigos acerca dos meus problemas faz-me sentir envergonhado(a) ou ridículo(a).					
9.	Os meus amigos esperam demasiado de mim.					
10.	Aborreço-me facilmente com os meus amigos.					
11.	Aborreço-me mais frequentemente do que os meus amigos pensam.					
12.	Quando discutimos algum assunto, os meus amigos consideram o meu ponto de vista.					
13.	Os meus amigos confiam na minha opinião.					
14.	Os meus amigos têm os seus próprios problemas, por isso, não os quero incomodar com os meus.					
15.	Os meus amigos ajudam-me a eu compreender-me melhor.					
16.	Falo aos meus amigos acerca dos meus problemas e dificuldades.					
17.	Sinto-me zangado(a) com os meus amigos.					
18.	Os meus amigos não me dão muita atenção.					
19.	Os meus amigos encorajam-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades.					
20.	Os meus amigos compreende-me.					
21.	Quando estou zangado(a) por alguma razão, os meus amigos tentam ser compreensivos.					
22.	Confio nos meus amigos.					
23.	Os meus amigos não compreendem o que é a minha vida.					
24.	Posso contar com os meus amigos, quando preciso de desabafar.					
25.	Quando os meus amigos sabem que alguma coisa me preocupa, perguntam-me sempre acerca disso.					

A seguir vais ver uma lista com várias afirmações. Lê com atenção e coloca um X no quadrado que melhor descreve a forma como te preocupas com a tua reputação quando estás com os teus professores ou com os teus amigos. Mais uma vez lembra-te de que não existem respostas certas ou erradas,

PROFESSORES							
		<i>Discordo Totalmente</i>	<i>Discordo</i>	<i>Nem Concordo Nem Discordo</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo Totalmente</i>	
1.	Eu quero ter uma boa reputação junto dos meus professores.						
2.	Para mim é importante que os professores levem a sério a minha reputação.						
3.	Eu quase nunca me preocupo com a minha reputação junto dos professores.						
4.	Eu não ligo ao que os professores dizem de mim.						
5.	Se eu não tiver uma boa reputação junto dos professores, vou sentir-me muito mal.						
6.	Eu esforço-me para ter uma boa reputação junto dos meus professores.						
7.	Custa-me se os professores tiverem uma ideia errada de mim.						

AMIGOS							
		<i>Discordo Totalmente</i>	<i>Discordo</i>	<i>Nem Concordo Nem Discordo</i>	<i>Concordo</i>	<i>Concordo Totalmente</i>	
1.	Eu quero ter uma boa reputação junto dos meus amigos.						
2.	Para mim é importante que os meus amigos levem a sério a minha reputação.						
3.	Eu quase nunca me preocupo com a minha reputação junto dos meus amigos.						
4.	Eu não ligo ao que os meus amigos dizem de mim.						
5.	Se eu não tiver uma boa reputação junto dos meus amigos, vou sentir-me muito mal.						
6.	Eu esforço-me para ter uma boa reputação junto dos meus amigos.						
7.	Custa-me se os meus amigos tiverem uma ideia errada de mim.						

Continua no verso, vira a página ⇨

A seguir vais ver uma lista de comportamentos que os jovens da tua idade fazem. Coloca um X se, **DURANTE O ÚLTIMO ANO**, tiveste algum destes comportamentos. Lembra-te: o questionário é **ANÓNIMO** e **CONFIDENCIAL**, ninguém vai saber que foste tu que respondeste. Por favor, responde com sinceridade!

EXEMPLO:

Durante o último ano, alguma vez foste ao cinema?

Sim	Não
X	

DURANTE O ÚLTIMO ANO, ALGUMA VEZ...		Sim	Não
1.	Foste para a escola ou para as aulas depois de teres bebido bebidas alcoólicas?		
2.	Mentiste a adultos (ex.: familiares, professores, etc.)?		
3.	Consumiste cocaína ou heroína?		
4.	Usaste uma moto ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono ou proprietário?		
5.	Bateste a um adulto (ex.: professor, familiar, agente de segurança, etc.)?		
6.	Andaste em transportes públicos sem pagar bilhete?		
7.	Estragaste ou destruíste bens públicos ou privados (ex.: parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, carros, etc.)?		
8.	Consumiste haxixe ("ganzas") ou marijuana ("erva")?		
9.	Roubaste alguma coisa que valia mais de que 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
10.	Faltaste vários dias à escola sem os teus pais saberem?		
11.	Vendeste droga (ex.: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc.)?		
12.	Roubaste alguma coisa que valia entre 5 e 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
13.	Faltaste às aulas porque não te apeteceu ir, para ficar com colegas ou para ir dar uma volta?		
14.	Conduziste uma mota ou um carro sem ter carta de condução?		
15.	Consumiste LSD ("ácidos"), ecstasy ("pastilhas") ou anfetaminas ("speeds")?		
16.	Transportaste uma arma (ex.: navalha, pistola, etc.)?		
17.	Roubaste alguma coisa que valia menos de 5 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
18.	Fizeste grafitis em edifícios ou noutros locais (ex.: escola, transportes, muros, etc.)?		
19.	Assaltaste um carro, uma casa loja, escola ou outro edifício?		

Muito obrigado pela tua participação! ☺